

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

JOEL MONTANHA

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS
FILHOS:

UM ENTENDIMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

São Leopoldo

2010

JOEL MONTANHA

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS
FILHOS:

UM ENTENDIMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

Segundo Avaliador: Remí Klein

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M764r Montanha, Joel

A responsabilidade dos pais na formação espiritual dos filhos : um entendimento bíblico-teológico / Joel Montanha ; orientador Laude Erandi Brandenburg ; segundo avaliador Remí Klein . – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
73 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Crianças – Vida religiosa. 2. Educação cristã de crianças. 3. Crianças – Desenvolvimento. 4. Pais e filhos. I. Brandenburg, Laude Erandi. II. Klein, Remí. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

JOEL MONTANHA

A RESPONSABILIDADE DOS PAIS NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS
FILHOS:

UM ENTENDIMENTO BÍBLICO-TEOLÓGICO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de
Teologia

Remí Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

Sou grato a Deus, por Sua presença, direção e o total apoio espiritual, intelectual e financeiro;

À minha esposa Claudete, que sempre esteve comigo;

Aos meus filhos, nora, genro e netos que muito me ajudaram em todos os momentos;

À minha orientadora, Prof^a. Dra. Laude Erandi Brandenburg, que soube motivar e tranquilizar durante a elaboração do trabalho;

Aos mestres que conheci na EST;

Aos pastores que apoiaram minha formação: Pr. Aldo José Galina, Pr. Waldemar Pereira Paixão, Pr. José Bento Pereira, Pr. Paulo Ricardo Pereira e meu amigo Ev. Cláudio Oliveira;

À minha denominação, que estimo.

RESUMO

Este trabalho discorrerá sobre a necessidade da participação consciente e ativa dos pais no desenvolvimento espiritual dos filhos, considerando que a família é reconhecida como o centro formador dessa espiritualidade. A pesquisa é desenvolvida a partir de princípios bíblicos e teológicos. São analisadas as necessidades, as características e as formas de comunicação com as crianças dentro de suas faixas etárias para a formação espiritual adequada. Tratando-se de um tema recorrente nas discussões sobre a educação nos lares, a pesquisa busca a compreensão do papel dos pais na educação espiritual dos filhos e o possível contraste no cuidado praticado nos lares cristãos hodiernos. A primeira parte do trabalho aborda a origem dos princípios racionais do ser humano, isto é, maneiras pelas quais se adquire o conhecimento. Na sequência, trata-se dos conceitos sobre Deus, a natureza do mal, o plano salvífico, os meios da graça, autoestima e liberdade de escolha, elementos causadores de ações, que poderão influenciar no infante sua própria espiritualidade judaico-cristã. Por fim, o ensino e a socialização por faixa etária até os dez anos, como responsabilidade dos pais.

Palavras-chave: Desenvolvimento espiritual. Educação e espiritualidade.

ABSTRACT

This paper discusses the necessity of a conscious and active participation of parents in the spiritual development of children, considering that the family is recognized as the main former of spirituality of children. The research is developed from biblical and theological principles. Necessities, characteristics and forms of communication with children within their different age group are analyzed for an adequate spiritual nurture. Since this is a recurrent theme in the discussion about nurture at homes, the research seeks to comprehend the role of parents in the nurture of children and the possible contrast found in the care which is provided at today's Christian homes. The first part of the paper deals with the origins of the rational principles of human being, that is, the ways in which the knowledge is acquired. Afterwards, we approach the concepts about God, the nature of evil, the salvific plan, the means of grace, self esteem and freedom of choice, elements that cause actions, which may influence the infant to choose their own Judeo-Christian spirituality. Finally, the teaching and the socialization within the groups of children aged 0-10 are under the parents' responsibility.

Keywords: Spiritual development. Nurture and spirituality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 ORIGEM DA TEORIA DO CONHECIMENTO	11
1.1 Inatismo.....	11
1.2 Empirismo	12
1.2.1 <i>Filosofias relacionadas ao conhecimento</i>	13
1.2.1.1 Iluminismo.....	14
1.2.1.2 Racionalismo	15
1.2.1.3 Positivismo.....	15
1.2.1.4 Idealismo	16
1.2.1.5 Construtivismo	16
1.3 Teorias epistemológicas na formação espiritual da família	18
2 TEORIAS DO CONHECIMENTO E FATORES DE ESPIRITUALIDADE	20
2.1 Ter um conceito verdadeiro de Deus.....	23
2.2 Compreender a natureza do mal.....	24
2.3 Conhecer e receber o plano de salvação de Deus.....	25
2.4 Aprender a fazer uso dos meios da graça.....	26
2.5 Conhecer o seu próprio valor aos olhos de Deus.....	27
2.6 Reconhecer a importância de sua liberdade de escolha.....	29
3 A BASE BÍBLICA PARA A CAPACITAÇÃO (EMPODERAMENTO).....	32
3.1 Ensino com amor.....	33
3.2 A família como centro formador da espiritualidade.....	35
4 O ENSINO, A FAMÍLIA E A SOCIALIZAÇÃO	40
4.1 A espiritualidade judaico-cristã na criança	42
4.1.1 <i>Plantar e colher</i>	42
4.2 Evangelizando a criança	43
4.3 Ensinando a criança.....	46
4.4 Valores Insustituíveis na Formação dos Filhos	46
4.4.1 <i>O amor</i>	47
4.4.2 <i>Figura materna e paterna</i>	47
4.4.3 <i>Disciplina</i>	49
4.5 Comunhão entre os pais e dos pais com os filhos	51
4.6 Instrução religiosa à criança e as faixas etárias	52

4.6.1 Fase exploratória (0 a 1 ano).....	53
4.6.2 Fase da imitação (1 aos 2 anos).....	54
4.6.3 Fase da identificação (2 aos 3 anos).....	54
4.6.4 Fase da autoconscientização (3 aos 4 anos).....	55
4.6.5 Fase dos 4 aos 5 anos.....	55
4.6.6 Fase dos 5 aos 6 anos.....	56
4.6.7 Fase dos 6 aos 7 anos.....	57
4.6.8 Fase dos 7 aos 8 anos.....	58
4.6.9 Fase dos 8 aos 9 anos.....	59
4.6.10 Fase dos 9 aos 10 anos.....	60
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

Embora se saiba que os cristãos usam a Bíblia na formatação de seus princípios, e que há resultados éticos em suas vidas, como, à luz da Palavra de Deus, podemos entender toda a responsabilidade cristã no cuidado e formação dos filhos por seus pais? As Sagradas Escrituras nos fornecem vários textos relacionados à educação dos filhos. Como entendê-los hodiernamente numa cultura pós-moderna, individualista?

Muito se tem cogitado sobre a origem dos princípios racionais do ser humano. Embora de maneira sucinta, abordaremos os dois principais conceitos filosóficos, o “inatismo” e o “empirismo”, com seus desdobramentos, na formação do conhecimento no ser humano, com o objetivo de relacioná-los à educação espiritual nos lares cristãos.

O inatismo é o pensamento que enfatiza os fatores maturacionais e hereditários do ser humano, que nasce com potencialidades, dons e aptidões que serão desenvolvidos de acordo com o amadurecimento biológico e não por aquisição de conhecimentos específicos ou gerais. Defende os dons naturais dos indivíduos e que o conhecimento apenas pode aperfeiçoá-los.

O empirismo, por sua vez, propõe epistemologicamente que todo o conhecimento é o resultado de nossas experiências. Defende que as nossas teorias devem ser baseadas nas nossas observações do mundo, em vez da intuição ou fé, aproximando-se ao materialismo - filosófico - e ao positivismo.

As Sagradas Escrituras nos ensinam que, embora a criança tenha o sopro de Deus em sua vida (Gn 2.7) e uma tendência natural em reconhecer um ser superior, ela precisa aprender, com seus pais, toda a Lei do Senhor, e a cultivar, já na tenra idade, a sua natural inclinação ao célico. Essa responsabilidade dos pais é intransferível. Educar, capacitando a criança a enfrentar as responsabilidades da vida, em obediência a Lei do Senhor, demanda muita dedicação e trabalho, não é “somente” uma forma didática, onde os pais se sentam com seus filhos e lhes passam conhecimentos. O tempo em que os filhos estão debaixo da guarda e dos cuidados dos pais é curto, por isso este tempo deve ser aproveitado o melhor possível para a formação espiritual, intelectual e moral deles.

Definindo espiritualidade judaico-cristã como conhecimento de Deus através das Sagradas Escrituras, envolvendo os cristãos em todas as dimensões de sua vida, na mais tenra idade, a criança precisa ser acostumada a se relacionar com Ele, com o objetivo de formar sua própria espiritualidade. Conforme Martin Dreher, a “espiritualidade cristã brota da conversa com Deus, do diálogo com outras pessoas que estão nesta busca, da observação de espiritualidade alheia”.¹ Portanto, é fundamental a atenção dos pais na transmissão do conhecimento das Sagradas Escrituras, não somente no que dizem e dão como exemplo, mas no que a criança entendeu desse ensino e desse exemplo.

A criança necessita do conceito verdadeiro de Deus. Compreendendo que o pecado fez e faz com que o ser humano fuja precipitadamente da presença dEle, mas que o Deus Pai, o Deus Filho e o Deus Espírito Santo promove, pela graça, a transformação do ser humano à imagem moral e espiritual de Cristo.

A família é importante no processo do ensino e da socialização da criança. Isso depende dedicação dos pais na observação dos valores insubstituíveis como amor, a presença materna e paterna, a disciplina na formação dos filhos, etc. Cada criança tem sua própria capacidade de aprendizado relacionada à faixa etária. É fundamentalmente importante entender que pais e filhos aprendem uns com os outros, queiram ou não.

¹ DREHER, Martin N. *Conversando sobre espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1992. p. 7.

1 ORIGEM DA TEORIA DO CONHECIMENTO

As teorias do conhecimento e seus desdobramentos são de grande importância para a compreensão do papel dos pais na educação dos filhos. A partir do inatismo, os pais podem se despreocupar na educação dos filhos, entendendo que naturalmente eles aprenderão. Com o empirismo e algumas de suas derivações, pode-se entender que a criança não tem inclinação ao célico, levando-os a postergarem o ensino teológico ao infante na mais tenra idade para a sua fase mais adulta, quando, pensam, terá as condições ideais para o aprendizado judaico-cristão.

1.1 Inatismo

O inatismo admite a existência de ideias inatas no ser humano, isto é, “não adquirido, possuído desde o nascimento”.² Conforme Marilena Chauí, “o inatismo afirma que nascemos trazendo em nossa inteligência não só os princípios racionais, mas também algumas idéias verdadeiras, que por isso, são idéias inatas”.³

Os estudiosos, seguindo a linha do pensamento de Platão (428-348 a.C.), perscrutam sobre as potencialidades, dons e aptidões do ser humano como sendo inatas, isto é, ele nasce com essas potencialidades, dons e aptidões que se desenvolvem com o amadurecimento biológico. Marilena Chauí, citando Platão, escreve: “conhecer, diz Platão, é recordar a verdade que já existe em nós; é despertar a razão para que ela se exerça por si mesma”.⁴

Na teoria da razão inata, o ser humano é dotado de dons divinamente justificáveis. Sua personalidade, pensamentos, crenças, valores, hábitos, emoções e conduta social não mudam. “Como são inatos, as idéias e os princípios da razão são verdades intemporais”;⁵ não recebem interferências significativas do social. Toda a possibilidade de crescimento no aprendizado será exclusivamente do sujeito. A doutrina do inatismo imobiliza e resigna o ser

² RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994. p. 144.

³ CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001. p. 69.

⁴ PLATÃO apud CHAUÍ, 2001, p. 70.

⁵ CHAUÍ, 2001, p. 75.

humano ao considerar que o meio não interfere no desenvolvimento da criança, não tendo os pais a possibilidade de influenciá-los.

Se, no inatismo, os princípios e as ideias da razão são inatas e, por isso, universais e necessários, e que nenhuma experiência nova poderá modificá-los, como justificar, então, que a própria razão pode mudar o conteúdo de ideias que eram consideradas universais, e a própria razão pode provar que ideias racionais podem ser falsas?⁶

1.2 Empirismo

Conforme o Dicionário Aurélio, empirismo é:

A doutrina ou atitude que admite, quanto à origem do conhecimento, que este provenha unicamente da experiência, seja negando a existência de princípios puramente racionais, seja negando que tais princípios, existentes embora, possam, independentemente da experiência, levar ao conhecimento da verdade.⁷

Dagobert Runes define empirismo como uma doutrina sobre as origens do conhecimento: absolutamente nenhum conhecimento com referência existencial é possível independentemente da experiência.⁸

Seguindo a linha de raciocínio de Aristóteles (384-322 a.C.), alguns filósofos defendem o pensamento de que o ser humano obterá conhecimento e aprimoramento intelectual através de experiências com o mundo externo. Destacam-se entre eles Francis Bacon (1561-1626) e John Locke (1632-1704), filósofos ingleses. John Locke, em seu *Ensaio sobre o entendimento humano*, estabelece as bases do conhecimento empírico.⁹ Ele rejeitou a ideia inatista de que a mente tinha gravadas, desde o nascimento, certas noções primárias, evidentes por si mesmas.¹⁰ Locke foi o criador da imagem da “*tabula rasa*”, “imagem tomada de empréstimo a Aristóteles”.¹¹ Produziu a analogia da mente humana no “estado de indeterminação completa, de vazio total, que a caracteriza antes de qualquer experiência”,¹² com a

⁶ CHAUI, 2001, p. 73-74.

⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*: edição eletrônica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

⁸ RUNES, Dagobert D. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Presença, 1990. p. 112.

⁹ CHAUI, 2001, p. 72.

¹⁰ BROWN, Colin. *Filosofia & fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001. p. 44.

¹¹ RUSS, 1994, p. 285.

¹² FERREIRA, 2004.

“tabula rasa”, expressão latina que quer dizer tábua em branco,¹³ um quadro, uma lousa em que nada está escrito. Para Locke, o ser humano nasce sem saber absolutamente nada, sem conhecimento algum; nascemos todos ignorantes e recebemos tudo da experiência. Todo o processo do conhecer, do saber e do agir é aprendido pela experiência, pela tentativa e erro, em conformidade com o temperamento de cada um, enriquecendo, assim, a própria personalidade.¹⁴ Na doutrina empirista, é de fundamental importância a educação, a instrução na formação do ser humano.

O empirismo moderno, além de John Locke e Francis Bacon, tem como seus principais representantes Thomas Hobbes (1588-1679), George Berkeley (1685-1753) e David Hume (1711-1776).¹⁵ Considerando que no empirismo, os princípios, procedimentos e as ideias da razão são adquiridos pelo ser humano através da experiência, David Hume escreve, em *Investigação sobre o entendimento humano*, que o milagre é impossível porque contraria a experiência e as leis da natureza.¹⁶

Conforme Marilena Chauí, o empirismo se defronta com um problema insolúvel:

Se as ciências são apenas hábitos psicológicos de associar percepções e idéias por semelhança e diferença, bem como por contigüidade espacial ou sucessão temporal, então as ciências não possuem verdade alguma, não explicam realidade alguma, não alcançam os objetos e não possuem nenhuma objetividade. Ora, o ideal racional da objetividade afirma que uma verdade é uma verdade porque corresponde à realidade das coisas e, portanto, não depende de nossos gostos, nossas opiniões, nossas preferências, nossos preconceitos, nossas fantasias, nossos costumes e hábitos. Em outras palavras, não é subjetiva, não depende de nossa vida pessoal e psicológica. Essa objetividade, porém, para o empirista, a ciência não pode oferecer nem garantir.¹⁷

1.2.1 Filosofias relacionadas ao conhecimento

A partir do século XVI iniciaram-se profundas transformações na visão do ser humano ocidental, marcadas por verdadeira explosão de descobertas que trouxe consigo a rejeição das ideias até então vigentes. Inicia a filosofia renascentista e põe

¹³ CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. v. 6. São Paulo: Candeia, 1995. p. 393.

¹⁴ CHAUÍ, 2001, p. 72.

¹⁵ RUNES, 1990, p. 56, 185, 189.

¹⁶ FRIESER, James. *David Hume (1711-1776): escritos sobre religião*. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-fieser2.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2009.

¹⁷ CHAUÍ, 2001, p. 70.

em dúvida Deus, o mundo e o ser humano. Essa forma de investigação filosófica caracterizará os séculos XVII e XVIII, canalizando para as principais vertentes do pensamento moderno a perspectiva empirista e a inauguração do racionalismo moderno. A filosofia racionalista afirma que tudo o que existe tem uma causa inteligível, mesmo que não possa ser demonstrada de fato. Privilegia a razão em detrimento da experiência do mundo sensível como via de acesso ao conhecimento.¹⁸ O racionalismo dos séculos XVII e XVIII influencia, até nossos dias, a religião e a ética. Na conduta moral, atribui à razão e aos princípios inatos de bondade, a capacidade humana de bem se conduzir.¹⁹

1.2.1.1 Iluminismo

Este movimento surgiu na Inglaterra a partir do empirismo de Francis Bacon (1561-1626), John Locke (1632-1704) e Thomas Hobbes (1588-1679); acrescentam-se ao movimento a participação de Voltaire (1694-1778), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), Montesquieu (1689-1755), Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783). Com o propósito de “iluminar as trevas em que se encontrava a sociedade”, defendia o domínio da razão sobre a visão teocêntrica que dominava a Europa desde a Idade Média. O pensamento racional deveria substituir as crenças religiosas e o misticismo que, segundo eles, bloqueavam a evolução do ser humano, que é naturalmente bom, somente corrompido por uma sociedade injusta e com direitos desiguais. Iniciou-se o antropocentrismo e a certeza de que a felicidade comum seria alcançada.²⁰

Conforme Runes,

Objetivamente, o iluminismo é um período cultural caracterizado pelos ardentes esforços das personalidades mais notáveis para fazer da razão o soberano absoluto da vida humana e para irradiar a luz do conhecimento sobre a mente e a consciência de qualquer pessoa.²¹

¹⁸ PORTUGAL, Cadja Araújo. Discussões sobre empirismo e racionalismo no problema da origem do conhecimento. *Diálogos & Ciência: Revista Eletrônica da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana, Feira de Santana, ano 1, n. 1, dez. 2002.* Disponível em: <http://dialogos.ftc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2&Itemid=4>. Acesso em: 22 ago. 2008.

¹⁹ LOPES, Augustus Nicodemus. O impacto do racionalismo na igreja cristã. *Portal da Igreja Presbiteriana do Brasil.* Disponível em: <http://www.ipb.org.br/estudos_biblicos/index.php3?id=22>. Acesso em: 26 ago. 2008.

²⁰ RUNES, 1990, p. 198.

²¹ RUNES, 1990, p. 198.

A base conceitual dos principais filósofos do Iluminismo foi: John Locke (1632-1704) acreditava que o ser humano adquiria conhecimento com o passar do tempo através do empirismo; Voltaire (1694-1778) defendia a liberdade de pensamento e não poupava crítica à intolerância religiosa; Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) defendia a ideia de um estado democrático que garantisse igualdade para todos; Montesquieu (1689-1755) defendeu a divisão do poder político em Legislativo, Executivo e Judiciário; Denis Diderot (1713-1784) e Jean Le Rond d'Alembert (1717-1783) organizaram uma enciclopédia que reunia conhecimentos e pensamentos filosóficos da época.²²

1.2.1.2 Racionalismo

O racionalismo privilegia a razão em detrimento da experiência do mundo sensível como via de acesso ao conhecimento, considerando a dedução como o método superior de investigação filosófica. É uma “teoria da filosofia, em que o critério de verdade não é sensório, mas intelectual e dedutivo”,²³ em que o ser humano pode afirmar que tudo que existe tem uma causa inteligível, mesmo que não possa ser demonstrada de fato, como a origem do Universo. Conforme Champlin e Bentes, “o racionalismo é a crença de que é possível o homem obter a verdade contando unicamente com a razão, ou pelo menos, principalmente pela razão, ainda que pela ajuda de outros métodos”.²⁴

René Descartes (1596-1650), Spinoza (1632-1677) e Leibniz (1646-1716) introduziram o racionalismo na filosofia moderna.

1.2.1.3 Positivismo

A doutrina positivista criada por Auguste Comte (1798-1857) confina-se ao estudo de relações existentes entre fatos que são diretamente acessíveis pela observação. Não busca explicação para fenômenos, como a criação do ser humano, por exemplo, mas se atém às coisas práticas e presentes na vida do ser humano. O positivismo, cuja raiz é o ceticismo, empreendia hostilidade à religião e à metafísica, “desejava purificar a filosofia, extraindo da mesma todos os elementos

²² RUNES, 1990, p. 198.

²³ RUNES, 1990, p. 321.

²⁴ CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M.. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. v. 5. São Paulo: Candeia, 1995. p. 544.

metafísicos”.²⁵ Conforme Dagobert D. Runes, “a doutrina do positivismo [...] que Auguste Comte (1798-1857) acreditava ter sido descoberta por ele em 1822, fora antecipada por Turgot em 1759”.²⁶

1.2.1.4 Idealismo

Diferentemente do positivismo, que se limita à experiência imediata, pura, sensível, como já fizera o empirismo, o idealismo procura uma interpretação e uma unificação da experiência mediante a razão. Sua tendência filosófica é reduzir toda a existência ao pensamento. Algumas formas de filosofias idealistas conforme seus filósofos: idealismo subjetivo/objetivo: Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling (1775-1854); idealismo absoluto: Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831); idealismo transcendental ou crítico: Immanuel Kant (1724-1804); idealismo epistemológico: George Berkeley (1685-1753); idealismo pessoal: George Holmes Howison (1834-1916); idealismo voluntarista: Alfred Jules Emile Fouillé (1838-1912); idealismo teísta: James Ward (1843-1925).²⁷

1.2.1.5 Construtivismo

Com base nos estudos do psicólogo suíço Jean Piaget (1896-1980), formulou-se o entendimento de que a criança raciocina segundo estruturas lógicas próprias que evoluem conforme faixas etárias definidas. São diferentes da lógica madura do adulto. Inicia-se, então, o construtivismo, a nova linha pedagógica que vem ganhando terreno no entendimento educacional. O construtivismo procura desenvolver práticas pedagógicas sob medida para cada degrau de amadurecimento intelectual da criança.²⁸ Conforme Moacir Gadotti,

Construtivismo é uma das correntes teóricas empenhadas em explicar como a inteligência humana se desenvolve partindo do princípio de que o desenvolvimento da inteligência é determinado pelas ações mútuas entre o indivíduo e o meio. A idéia é que o homem não nasce inteligente, mas também não é passivo sob a influência do meio, isto é, ele responde aos estímulos externos agindo sobre eles para construir e organizar o seu próprio conhecimento, de forma cada vez mais elaborada. Esta escola vê o

²⁵ CHAMPLIN; BENTES, 1995, p. 336.

²⁶ RUNES, 1990, p. 301.

²⁷ CHAMPLIN; BENTES, 1995, p. 200-01.

²⁸ WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997. p. 31-33.

homem como um ser histórico-social, e destaca o aprendizado como um processo dinâmico manifestado de forma diferente ao longo do tempo.²⁹

Fernando Becker³⁰ diz que o construtivismo possui a “idéia de que nada, a rigor, está pronto, acabado, e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma instância, como algo terminado”.³¹ É a ideia do conhecimento como algo não finito, mas do estar se construindo. No construtivismo, o conhecimento se dá pela interação do indivíduo com o meio físico e social, e não por qualquer dotação, “de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos, pensamento”.³²

Ao abordar a origem, a estrutura e os métodos na formação do conhecimento do ser humano, desejamos relacioná-los com a construção do conhecimento religioso e a fé na criança. Do inatismo platônico, negamos o conhecimento como sendo um “recordar da verdade que já existe em nós; o despertar da razão para que ela se exerça por si só”.³³ Do empirismo, no conceito da *tabula rasa*, entendemos que é inato no ser humano o sopro de Deus, resultando em sua natural predisposição em se voltar para o célico. E que o desenvolvimento intelectual e volitivo sofre influências físicas, socioeconômicas, culturais e emocionais. “Há um inter-relacionamento das características internas (individuais) com as externas (ambientais), a resultante destas é que se manifesta no indivíduo”.³⁴

As Sagradas Escrituras nos ensinam que, embora a criança tenha o sopro de Deus em sua vida (Gn 2.7) e uma tendência natural em reconhecer um ser superior, ela precisa aprender, preferencialmente com seus pais, toda a Lei do Senhor, e a cultivar, já na tenra idade, sua natural inclinação ao célico.

²⁹ GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2004. p. 156.

³⁰ Fernando Becker é professor de psicologia da educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

³¹ BECKER, Fernando. O que é construtivismo? *Site do Governo do Estado de São Paulo*. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=011>. Acesso em: 28 mai. 2009.

³² BECKER, 2009.

³³ CHAUI, 2001. p. 70.

³⁴ NOVELLO, Fernanda Parolaria. *Psicologia infantil*. São Paulo: Paulinas, 1987. p. 247-248.

1.3 Teorias epistemológicas na formação espiritual da família

As teorias do inatismo, empirismo e suas derivações têm grande importância, pois levam às discussões dos conceitos do desenvolvimento do conhecimento intelectual da criança.

No inatismo, conforme Platão, aprender é recordar (*anamnesis*) as ideias, que a alma humana, antes do nascimento, teria contemplado. Conforme Urbano Zilles,

A alma pré-existia no mundo das ideias, tendo contemplado as mesmas. Por um castigo foi unida ao corpo do mundo sublunar. Uma das consequências dessa união é que a alma já não recorda atualmente as ideias que contemplou no outro mundo, mas mesmo assim ela as traz em si, embora de maneira esquecida. Quando entra em contato com as coisas desse mundo – que já são sombras das ideias – essas fazem com que a alma lembre as ideias. Aprender então é recordar ou reconhecer.³⁵

Na teoria empirista e algumas de suas derivações, produz-se a imagem da “*tabula rasa*”. Embora o ser humano tenha a liberdade em suas escolhas, as Sagradas Escrituras relatam a presença de Deus na formação individual do ser humano (Sl 139.13). Elas nos mostram que o ser humano foi criado conforme a “imagem e semelhança” de Deus (Gn 1.26). Em Gn 1.27, as Escrituras complementam: “homem e mulher os criou”. No grego, *anthropos* (ἄνθρωπος) designa “o que olha para cima”. Podemos entender que uma parte em nós tem a Sua presença impregnada. Sobre a imagem e semelhança de Deus no ser humano. a Bíblia Online traz o seguinte comentário:

Expressão empregada nas Escrituras (Gn 1.26-27; 1Co 11.7) para dizer que o ser humano tem as mesmas características pessoais que Deus tem e, por isso, pode comunicar-se com ele. O ser humano tem, em termos limitados, as mesmas qualidades racionais, mentais, emocionais, morais e espirituais que Deus tem. Quanto ao corpo, o ser humano é semelhante aos animais; mas é diferente deles, pois tem consciência própria (sabe que existe) e tem poder de determinação própria (vontade). Sendo criatura superior, tem o poder de dominar a natureza.³⁶

É somente em virtude da imagem de Deus, em sentido abrangente, que a pessoa, até mesmo depois de tê-la perdido, no sentido restrito (constituindo no

³⁵ URBANO, Zilles. *Teoria do conhecimento*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994. p. 59.

³⁶ BÍBLIA ONLINE. Módulo Avançado. Versão 3.0. oct. 2007.

verdadeiro conhecimento, retidão e santidade), pode ainda ser chamada “porta-imagem” de Deus (Gn 9.6; 1Co 11.7; 15.49; Tg 3.9).

O pecado, consequência natural da iniquidade humana, é, por último, produto de uma determinação voluntária tomada contra as normas divinas, e isso implica em culpabilidade. O ser humano pode mergulhar profundamente nos prazeres imorais, justificando-se que “se estou praticando algo errado” não sou culpado, pois faz parte do meu “eu”. Champlin e Bentes comentam: “Deus criou o homem como um ser reto, contudo o próprio homem, mediante sua livre vontade corrupta, distorceu a boa obra, desviando-se para veredas tortas e buscando maus esquemas” (Ec 7.29).³⁷

O apóstolo Pedro escreve: “o próprio Cristo levou os nossos pecados no seu corpo sobre a cruz a fim de que morrêssemos para o pecado e vivêssemos uma vida correta” (1Pe 2.24). Não encontramos nas Escrituras Sagradas uma dicotomização, como pensavam os gnósticos,³⁸ na relação divino-humana, entre o sagrado e o secular, o religioso e o social, etc. O entendimento da relação entre o corpo e a alma caracterizará a nossa espiritualidade. A criança terá como base para a formação de sua própria espiritualidade os fatores relacionados ao meio em que convive. Esta é a razão porque na mais tenra idade a criança precisa descobrir e vivenciar valores exigidos por Deus, através das Escrituras.

³⁷ CHAMPLIN; BENTES, 1995, p. 2727.

³⁸ Segundo os gnósticos, o corpo é a sede ou princípio do pecado, ao passo que a alma é pura.

2 TEORIAS DO CONHECIMENTO E FATORES DE ESPIRITUALIDADE

O Dicionário Aurélio define “fator” como “aquilo que contribui para um resultado”,³⁹ isto é, elementos causadores de ações, ou condições que levam a um resultado. Neste sentido, os fatores de espiritualidade podem contribuir para a fundamentação do ser humano nas futuras tomadas de decisões.

Entendendo o termo “espiritualidade judaico-cristã” como conhecimento de Deus através das Sagradas Escrituras e a aplicação desse conhecimento em nossa vida, é de importância vital um olhar perscrutador sobre as definições que elas prescrevem à conduta humana.

Martin N. Dreher afirma que a “espiritualidade brota da conversa com Deus, do diálogo com outras pessoas que estão nesta busca, e da observação da espiritualidade alheia”.⁴⁰ Russel Shedd define espiritualidade como “a busca e a própria experiência da comunhão com Deus. Inclui a expressão dessa convivência a partir de práticas que agradam ao Criador”.⁴¹ E Joel S. Goldsmith diz que “ninguém estará totalmente completo enquanto não se sentir à vontade em Deus”.⁴²

Na mais tenra idade, a criança precisa ser acostumada a se relacionar com Deus com o objetivo de formar sua própria espiritualidade. É importante a atenção dos pais na transmissão do conhecimento das Sagradas Escrituras, não somente no que dizem e dão como exemplo, mas no que a criança entendeu desse ensino e desse exemplo. Os pais devem entender que o seu comportamento pode influenciar a vida das próximas gerações, e isso de maneira que nem imaginam. Para seu desenvolvimento e capacitação, uma criança necessita, principalmente, de seus pais como espelho.⁴³ A melhor maneira de transmitir conhecimentos e exemplos é em reuniões no lar, num diálogo com os filhos e, principalmente, observando-se a espiritualidade deles. Pais e filhos precisam se apresentar diante de Deus em unidade. “Ao longo do caminhar, das fraldas ao diploma, há uma questão que deve ser tratada e com a qual todos os

³⁹ FERREIRA, 2004.

⁴⁰ DREHER, 1992, p. 7

⁴¹ SHEDD *apud* BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p. 37.

⁴² GOLDSMITH, Joel S. *A arte da cura espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 12.

⁴³ CRUZ, Elaine. *Amor e disciplina para criar filhos felizes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 26.

pais cristãos se defrontam: o crescimento espiritual do filho”.⁴⁴ Mesmo com todo o conforto que a saúde, o dinheiro e o lazer podem trazer, o ser humano precisará se sentir em comunhão interior com Deus. Conforme Goldsmith, “Ele é o único poder que, por todo o sempre, mantém o seu universo com perfeição, justiça e harmonia... não existe nenhum outro poder fora desse poder”.⁴⁵

É essencial que os pais entendam seus filhos, e que estes compreendam seus pais. Nas reuniões voltadas ao ensino dos filhos, os pais devem priorizar a perspectiva da criança no ver, sentir e pensar. Conforme Remí Klein, “o mais importante no processo educativo-religioso não são as respostas e as certezas, mas as buscas e os questionamentos”.⁴⁶ Citando Jeremie Hughes, Klein diz que “a nossa habilidade em responder às perguntas das crianças depende, em alto grau, das respostas que encontramos para nós mesmos para as grandes e pequenas questões existenciais”.⁴⁷

As respostas terão seus efeitos educacionais na criança, contanto que a linguagem seja acessível, sincera e que responda a todas as suas inquietações naquele momento. Existem assuntos bem difíceis, como, por exemplo, a morte, a doença e mesmo a sexualidade, os quais precisam ser respondidos. As respostas poderão variar em intensidade e é importante saber o que a criança já sabe sobre o tema. Muitas vezes, basta uma resposta curta, sem detalhes, e ela se satisfaz; em outras, as respostas precisam ser pensadas. Quando os pais encontrarem dificuldade numa resposta, poderão, com naturalidade, dizer ao filho que precisam pensar e que voltarão a falar com ele mais tarde. É preferível que as crianças aguardem uma resposta adequada do que tenham respostas superficiais ou mesmo erradas.

Para a boa formação espiritual da criança, é necessário não somente ouvir e falar, isto é, ter seus questionamentos respondidos verbalmente, mas principalmente, ver exemplos em seus pais e pessoas que a cercam. Mais do que sermões, os filhos precisam de exemplos como respostas aos seus

⁴⁴ TRENT, John; OSBORNE, Rick; BRUNER, Kurt. *Ensine sobre Deus às crianças: um plano por faixa etária para pais de crianças até doze anos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007. p. 9.

⁴⁵ GOLDSMITH, 1995, p. 12,35,39.

⁴⁶ KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no ensino religioso. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 130.

⁴⁷ HUGHES *apud* KLEIN, 2007, p. 131.

questionamentos no viver cotidiano. Ao se tornarem adultas, possivelmente suas decisões ou escolhas, quando não tiverem tempo suficiente para uma reflexão, serão de acordo com os procedimentos observados em seus pais ou pessoas influentes em sua formação. Conforme Goldsmith, o conhecimento que uma criança terá de Deus em sua formação espiritual, precisa ser aprendido principalmente no exemplo de seus pais.⁴⁸

Quando a criança tem esse diálogo e exemplo de espiritualidade, mais tarde, na hora de discernir as crises, a imagem que a criança criou de Deus será fundamental para que possa percebê-las, assimilá-las e, claramente, enfrentar as situações saindo ainda mais forte das adversidades. Edwin Mora Guevara assinala:

A forma de imagem sobre Deus se relaciona com as primeiras imagens da criança, fundamentalmente nas figuras familiares; em especial, nas figuras significativas como o pai e a mãe [...] Estas primeiras imagens sobre Deus podem ser reforçadas ou não pelas idéias que a pessoa desenvolver posteriormente no processo de socialização. Nele interferirão a família, a educação, a religião, a arte e o simbolismo religioso com sua representação sobre Deus.⁴⁹

Para experimentar a realidade da existência de Deus corretamente e, para uma vida adulta em comunhão com Ele, a criança precisa de um diálogo constante e consistente. Ensinar a criança não é somente ler a Bíblia seguidamente, mas esmiuçar o que ela diz em ações reais e cotidianas. O ser humano não deveria inventar o seu próprio caminho (Ec 7.29), mas se deixar guiar pelos preceitos divinos. As Escrituras Sagradas dizem: “Tomara sejam firmes os meus passos, para que eu observe os teus preceitos. Então, não terei de que me envergonhar, quando considerar em todos os teus mandamentos” (Sl 119.5-6).

Conforme Margaret Bailey Jacobsen, a criança precisa principalmente: 1) ter um conceito verdadeiro de Deus; 2) compreender a natureza do mal; 3) conhecer e receber o plano de salvação de Deus; 4) aprender a fazer uso dos meios de graça; 5) conhecer o seu próprio valor aos olhos de Deus.⁵⁰

⁴⁸ GOLDSMITH, 1995, p. 19-20.

⁴⁹ GUEVARA, Edwin Mora. Espiritualidade a partir da graça em um programa de tratamento de dependência de drogas. In: SANTOS, N. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

⁵⁰ JACOBSEN, Margaret Bailey. *A criança no lar cristão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. p. 18-19.

2.1 Ter um conceito verdadeiro de Deus

O mais cedo possível a criança deve saber que a Bíblia é a Palavra de Deus; e nela Deus Se deu a conhecer ao ser humano a fim de direcioná-lo ao objetivo central a que foi criado: conhecê-Lo, amá-Lo e adorá-Lo (Is 43.7; Sl 22.22; 149.6).⁵¹ A finalidade das Escrituras é a de fazer Deus conhecido por Suas atividades na história e nas experiências que seres humanos fiéis tenham com Ele. Elas não somente pressupõem que Deus pode ser conhecido, mas que realmente Ele é conhecido, pois Ele Se revelou a Si mesmo através de Cristo.⁵² O Deus das Escrituras é um Ser pessoal. O apóstolo Tiago escreve: “chegai-vos a Deus e ele se chegará a vós outros” (Tg 4.8a). Davi diz: “perto está o Senhor de todos os que o invocam, de todos os que o invocam em verdade” (Sl 145.18). Deus se interessa pela humanidade. O conhecimento de Deus revelado ao ser humano é justamente aquele que satisfaz a fome da natureza espiritual e resulta em adoração e obediência inteligente à Sua vontade.

A criança pode aprender que Deus existe, que a ama e quer cuidar dela; que criou todas as coisas, inclusive ela mesma, e quer se relacionar com todo ser humano e que a oração é a forma regular de conversar com Ele. A criança precisa entender que pode ser e fazer tudo o que Deus quer que seja e faça - boa, gentil, amorosa – exatamente como Ele é.

Apesar de terem crescido na igreja, algumas crianças provenientes de lares cristãos não possuem uma boa compreensão sobre Deus. Frequentemente recebem uma simples carga de meras histórias ou até falsos ensinamentos. Com isso, têm dificuldades para articular claramente aquilo que creem.

Muitos pais creem que crianças não entendem “os grandes mistérios da religião”. Evita-se falar sobre doutrinas bíblicas por as acharem despreparadas para aprender. Charles Spurgeon escreveu:

Insisto que não há doutrina da Palavra de Deus que uma criança capaz de receber a salvação, não consiga, entender. [...] Se houver qualquer doutrina muito difícil para uma criança, é antes uma falha de conceito do professor acerca dela, do que da capacidade da criança de entendê-la, desde que ela

⁵¹ PACKER, J. I. Revelação e Inspiração. In: DOUGLAS, J. D.; SHEDD, Russell P. (Eds.). *O novo dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995. p. 27.

⁵² “Jesus disse bem alto: — Quem crê em mim crê não somente em mim, mas também naquele que me enviou. Quem me vê vê também aquele que me enviou” (Jo 12.44-45).

seja realmente convertida. Cabe a nós tornar a doutrina simples para a criança.⁵³

A criança precisa aprender acerca de Deus conforme Ele se revela nas Sagradas Escrituras, sempre entendendo que ela formula sua ideia de Deus a partir dos adultos. Conforme Trent, Osborne e Bruner, a criança “aceita prontamente o fato de que seus pais acreditam em Deus, de forma plena, quando confessam e reconhecem, de modo constante, a realidade e a presença do Senhor”.⁵⁴ A comunhão contínua com Deus no lar – à hora das refeições, à hora de dormir, em momento de estresse e de necessidade – são lembretes diários de que Deus está ouvindo.

As noções sobre Deus se desenvolvem na criança antes dela distinguir entre si mesma e seu meio-ambiente. Posteriormente desenvolvem, a partir da aparente onipotência, confiança e do abastecimento dos pais, uma imagem relacionada a eles. A imagem final que a criança terá de Deus, porém, vai sendo construída gradualmente em todas as fases.⁵⁵ Portanto, o comportamento dos pais é “o fator determinante para que seus pequeninos aprendam que Deus é real e está presente”.⁵⁶ Conforme Norbert Mette, “apenas onde Deus é revelado à criança é que ela pode descobri-lo e também compreendê-lo imediatamente”.⁵⁷

2.2 Compreender a natureza do mal

O pecado fez e faz com que o ser humano fuja precipitado da presença de Deus. Porém, a vocação divina no ser humano continuará atuando em sua consciência. O pecado não extingue a consciência, mas a danifica, tornando-a insensível ao Evangelho.

Deus não é o autor do pecado, nem direta nem indiretamente. Muito antes de o ser humano ser formado do pó da terra, o pecado já existia através da rebelião de Satanás (Ez 28.11-19). O fato de Deus saber, por Sua onisciência, que o pecado entraria no mundo, não O faz responsável pela origem do pecado. Verdadeiramente, Deus abomina e odeia o pecado e o mal (Dt 25.16; Sl 5.4-6). O pecado é uma

⁵³ LARA, Ronaldo Bauer de. O mundo teológico da criança. In: *X Encontro de Educadores Cristãos*. Criciúma: [s.n.], 2010. p. 95.

⁵⁴ TRENT; OSBORNE; BRUNER, 2007, p. 26.

⁵⁵ METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes. 1997. p. 177.

⁵⁶ TRENT; OSBORNE; BRUNER, 2007, p. 26.

⁵⁷ METTE, 1997, p. 175.

ofensa direta contra Deus (Sl 51.4). A maior prova de que Deus odeia o pecado reside no fato de providenciar Cristo para libertar o ser humano do mal.

Mesmo depois de sérias tentativas e desejos do ser humano renunciar ao mal para viver de maneira justa, sóbria e piedosa, como convém às criaturas feitas para glorificar a Deus, e com a eternidade em jogo, há uma resistência forte e constante nas paixões, nos apetites e nas inclinações do coração em cada passo que o ser humano dá (Rm 3.9,23; 1Jo 1.10; 2.1,2).

A criança levará algum tempo para entender o conceito de pecado. Nesse tempo, ela precisa ouvir falar do amor de Deus. Na idade em que a criança já tem essa consciência, se pode ensinar que certos comportamentos machucam as outras pessoas e a ela própria. Isso a levará a querer fazer o bem. É sempre necessário fornecer-lhe uma rota de saída, uma alternativa de escape e refúgio. E esta alternativa pode ser apresentada como sendo fruto do amor imensurável do Pai que providenciou um escape oportuno mediante o sacrifício de Seu Filho Jesus Cristo (Rm 6.23).

2.3 Conhecer e receber o plano de salvação de Deus

Tanto o Deus Pai, quanto o Deus Filho e o Deus Espírito Santo, estão envolvidos no processo salvífico do ser humano. Embora a Trindade odeie o pecado, ama o ser humano, criado conforme a imagem e semelhança de Deus. A Trindade deseja que todos sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade. No Evangelho segundo João, lemos: “porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3.16). Jesus veio ao mundo com o propósito de convidar todo ser humano a receber a vocação e a vida em Cristo. Levar as crianças a receberem verdadeiramente a Jesus Cristo como Salvador, baseadas em um conhecimento claro da mensagem do Evangelho, deve ser a maior preocupação dos pais. Em Cristo, o ser humano é predestinado, mesmo antes da fundação do mundo, para ser santo e irrepreensível (Ef 1.4-6).

A criança precisa entender que a salvação envolve nossa transformação segundo a imagem moral e espiritual de Cristo, e que compartilharemos de Sua natureza essencial (Rm 8.29). Ser salvo significa vir a possuir, finalmente, a

“plenitude de Cristo”, que é tudo para todos (Ef 1.23). A salvação é produzida pela operação do Espírito Santo que nos molda segundo a natureza moral de Cristo e, então, segundo Sua natureza divina (2Co 3.18).

O primeiro campo fértil para o anúncio do Evangelho é o nosso lar, a nossa família. Bem no início da vida, a “casa” - alma da criança - ainda não foi manchada nem danificada. É nesse campo que Jesus deve ser introduzido, antes que as obras da carne - prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídio, bebedice e glotonarias (Gl 5.19-21) - controlem sua vida.

O lar foi a primeira instituição divina, e Deus deseja salvar todos os membros da família. Em Malaquias, temos a palavra do profeta: “não é verdade que Deus criou um único ser, feito de carne e de espírito? E o que é que Deus quer dele? Que tenha filhos que sejam dedicados a Deus” (Ml 2.15). Champlin e Bentes comentam que “a idéia principal parece ser a de que o propósito do casamento é fortificar o povo escolhido por Deus, pela descendência que resultará dos casamentos”.⁵⁸

Podemos e devemos começar a evangelização por nosso próprio lar. Isto não significa que todos os nossos familiares optarão por Cristo. No entanto, todos terão a oportunidade de ouvir o Evangelho e, portanto, a oportunidade de aceitar Jesus.

2.4 Aprender a fazer uso dos meios da graça

“Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2.8). É importante lembrarmos que o chamado para apropriação da salvação é mediante a graça, e que somente a graça de Deus no coração de cada ser humano pode mudar a vida permanentemente em qualquer época e em qualquer idade. A regeneração do ser humano é uma obra efetuada por Deus através do Espírito Santo, pelo qual o ser humano recebe a vida pessoal de Deus, transformando sua mente, seu coração e sua vontade, de tal maneira que sua inclinação para consigo é mudada, pondo Cristo no centro de sua vida.

Pela graça, Deus nos chama das trevas para a luz, para o caminho da peregrinação que nos faz subir na direção dos lugares celestiais. Nesse

⁵⁸ CHAMPLIN; BENTES, 1995, p. 3709.

chamamento, há base para a nossa apropriação da salvação. Isso elimina toda e qualquer obra; não só as praticadas pela justiça própria dos seres humanos perdidos, como também as obras praticadas em verdadeira justiça (Tt 3.4-7).

Há um contraste entre o que fazemos e o que Deus faz para assegurar a salvação ao ser humano. Contrapondo-se às obras do ser humano com o objetivo de obter justificação, está a misericórdia livre de Deus, exibida na obra do Espírito Santo. No processo salvífico, existem termos que são de difícil compreensão à criança, como “amor de Deus”, “graça”, “justificação”, “fé”, “arrependimento”, “regeneração” e “perdão”. O ser humano adulto pode entender que “graça” é favor que os seres humanos não merecem, mas que Deus livremente lhes concede. Que “justificação” é o ato da graça divina pelo qual Deus declara justa a pessoa que põe sua fé em Jesus Cristo como seu substituto e Salvador. Que a “fé” é o meio pelo qual o pecador é justificado, e essa fé justificadora descansa sobre a completa obra de Cristo. Que o “arrependimento” é o resultado da graça de Deus na alma do pecador (At 13.39). A criança, porém, demora bastante para entender esses termos e sua aplicação salvífica, mas isso não deve desestimular os pais. “As crianças raciocinam mal, mas sentem bem”,⁵⁹ disse Dostoiévsky. Por isso, convertem-se facilmente quando seu sentimento é tocado pelo incomparável amor do Senhor Jesus Cristo.

Deus emprega diversos meios a fim de trazer os seres humanos ao arrependimento e, conseqüentemente à salvação, tais como a pregação do Evangelho, a vida dos pais e amigos crentes e a influência benéfica da Igreja. Deus, por tudo e em tudo, chama o ser humano.

2.5 Conhecer o seu próprio valor aos olhos de Deus

O ser humano é distinguido como uma nova ordem na criação e aferido como coroa de todos os seres criados. Ele se Distingue como uma nova ordem de existência racional, volitiva e sentimental. A ele é entregue o domínio sobre a vida selvática, doméstica, vegetal, etc. Em Gn 1.26, lemos: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo

⁵⁹ ESCOLA PREPARATÓRIA DE OBREIROS SILOÉ (EPOS). *Evangelismo*. Joinville: Faculdade Teológica Refidim, 2007. Mod. I. p. 66.

réptil que se move sobre a terra”. O ser humano foi formado conforme um tipo divino. Deus criou a todos segundo sua espécie, numa forma típica dos mesmos. Entretanto, o ser humano foi formado segundo a imagem divina. As Sagradas Escrituras dizem: “Que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites? Contudo, pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste” (Sl 8.4-5).

O psicólogo e neurologista americano Howard Gardner, da Universidade de Harvard, no início da década de 1980, causou grande impacto na área educacional ao divulgar sua teoria das Inteligências Múltiplas. Até então, o Quociente de Inteligência (Q.I.) era o mais aceito para a avaliação de inteligência.⁶⁰ Segundo Gardner, todos nascem com o potencial das várias inteligências. A partir das relações com o ambiente e aspectos culturais, algumas são mais desenvolvidas, outras menos aprimoradas.⁶¹

O apóstolo Paulo fala de uma inteligência bem específica, a inteligência espiritual, que o ser humano deve buscar: "por esta razão, nós também, desde o dia em que o ouvimos, não cessamos de orar por vós e de pedir que sejais cheios do conhecimento da sua vontade, em toda a sabedoria e inteligência espiritual" (Cl 1.9).

Conforme Celso Antunes, descoberta admirável, apaixonante e reveladora para os pais é que a mente humana não abriga, como antes se pensava, uma única inteligência.⁶² Mais importante do que essa descoberta, porém, é saber o que fazer para treinar e para acordar essas inteligências. Embora a criança possa aumentar suas habilidades em muitas áreas, é atraída naturalmente a determinadas atividades, justamente àquela em que ela mais foi educada.

Das inteligências múltiplas de Gardner, a “intrapessoal” pode ser definida como a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e ideias para formular uma imagem precisa de si próprio. A habilidade para usar essa imagem

⁶⁰ CECÍLIO JR., Marlísio Oliveira. *Fichamento do livro de Howard Gardner*. Disponível em: <http://petecv.ecv.ufsc.br/download/Reuni%F5es%20culturais/Reuni%F5es%20em%20PDF/Marl%EDsio%20-%20Maio.pdf_>. Acesso em: 20 abr. 2010.

⁶¹ CECÍLIO JR., 2010.

⁶² ANTUNES, Celso. *Inteligências múltiplas*. São Paulo: Salesiana, 2001. p. 30.

pode funcionar de forma efetiva na solução de problemas pessoais. É a inteligência da auto-estima, da auto-motivação.⁶³

Os efeitos da baixa auto-estima são destruidores. O isolamento, a impotência, a ausência de curiosidade, a intolerância e a hipersensibilidade são alguns dos seus muitos efeitos. A baixa auto-estima pode ser produzida, principalmente, por dois fatores:

- 1) Uma falsa teologia, que desconsidera o alto valor do ser humano;
- 2) Pelo pecado que nos traz o sentimento de culpa e decepção, e isso contribui para a nossa inferioridade e destrói nossa auto-estima.

A criança forma a imagem de si mesma através das imagens que a ela forem projetadas; se valorizada, ela terá uma boa auto-estima.⁶⁴ Simone Engbrecht diz que a aquisição da auto-estima - amor próprio - valor fundamental para a identidade individual, requer uma construção em bases sólidas.⁶⁵ A auto-estima vai sendo formada desde o momento em que o ser humano nasce e é uma noção que o acompanha durante toda a sua vida. Quando nasce, cada pequeno ser está envolvido consigo. Necessita tanto de alguém que lhe dedique cuidado, quanto necessita do ar que respira. Embora não entenda todo cuidado que lhe dedicam, sua auto-estima vai se desenvolvendo através dos cuidados que recebe. Todas as experiências que resultam em satisfação, conforto e alegria vão compondo uma auto-estima positiva. Neste processo, a atitude e os comentários dos pais e professores acerca dos sucessos e dos insucessos da criança são decisivos para sua auto-estima, seu auto-conceito. Nosso amor próprio depende de outros dois fatores: que o “eu” seja investido por outrem e que realize seu ideal.⁶⁶

2.6 Reconhecer a importância de sua liberdade de escolha

Na formação do ser humano, Deus lhe deu o livre arbítrio, ou seja, o poder de escolha. Ao pecar voluntária e livremente, o ser humano mostra a evidência dessa

⁶³ OREGON, Rosane de Fátima Antunes. *Validação de um instrumento de identificação do perfil de usuário através de ícones representativos das inteligências múltiplas*. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEGC0078-D.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

⁶⁴ CRUZ, 2006. p. 25.

⁶⁵ ENGBRECHT, Simone. *Aprendendo a lidar com a depressão*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 9.

⁶⁶ ENGBRECHT, 2007, p. 9-10.

afirmação. A experiência humana nos mostra que o ser humano, com ou sem Cristo, sabe a diferença entre o bem e o mal. Jesus disse: “se alguém quiser fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus, ou se falo de mim mesmo” (Jo 7.17). Nesse texto, subentende-se que a aceitação oferecida em Cristo depende da “vontade” humana de fazê-lo.⁶⁷ Lewis Sperry Chafer diz que “a vontade geralmente age movida ou influenciada pelo intelecto e pelas emoções”.⁶⁸ No entanto, Chafer considera que nenhuma vontade humana é livre em sentido absoluto, pois sobre os não regenerados diz-se que Satanás está operando neles, ou dando-lhes energia (Ef 2.2), enquanto que dos regenerados se diz que Deus lhes dá energia para o querer realizar, segundo a sua boa vontade (Fp 2.13).⁶⁹

De fato, a capacidade de vir a crer é algo inerente a todo ser humano, contanto que queiram fazê-lo, mas poderá ter uma influência divina ou satânica. Por sua própria vontade, o ser humano pode querer seguir aquilo que está de acordo com a vontade de Deus, e Deus confere poder para tal, ou querer seguir a Satanás tendo total liberdade para isso. Embora nenhum ser humano possa vir a Cristo, a menos que Deus se aproxime a ele, Deus se aproximou a nós na cruz (Jo 12.34). O mandamento de Deus é: “notifica aos homens que todos em toda parte se arrependam” (At 17.30).⁷⁰ Levar a criança a escolher confiar em Cristo é uma decisão certa. Quando se faz parte desta débil tentativa, Deus vem ao encontro. Então, o divino e o humano se encontram, havendo como resultado, verdadeira outorga da alma aos cuidados de Cristo. É verdade que se, por um lado, o ser humano é livre para decidir, por outro lado, Deus também é Soberano, e esses dois elementos não constituem um paradoxo; pelo contrário, contribuem para a salvação do indivíduo. Deus, em sua soberania, providenciou a salvação do ser humano e este, por sua vez, livremente a aceita ou a rejeita. As Escrituras dizem: “cheguem perto de Deus, e ele chegará perto de vocês. Lavem as mãos, pecadores! Limpem o coração, hipócritas!” (Tg 4.8). A salvação estabelecida por Deus ao ser humano e a conseqüente vida eterna se realiza sem nenhum conflito entre a soberania de Deus e a livre escolha do pecador; antes, ambas se harmonizam no ato salvífico.⁷¹

⁶⁷ LANGSTON, A. B. *Esboço de teologia sistemática*. 9. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1988. p. 203.

⁶⁸ CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia sistemática*. São Paulo: IBRB, 1986. p. 479.

⁶⁹ CHAFER, 1986. p. 479.

⁷⁰ LANGSTON, 1988, p. 204.

⁷¹ LANGSTON, 1988, p. 204.

É, no entanto, de importância vital viver o que se ensina. A experiência da existência de Deus é colocada aos poucos no coração da criança, e essa experiência construirá na adolescência e na vida adulta sua cosmovisão. A criança entende mais claramente o que seus pais querem ensiná-la, observando seus exemplos cotidianos, do que nos seus “sermões”. Conforme Clara Feldman e Márcio Lúcio de Miranda, a “incoerência dos adultos que, na presença da criança se comportam de uma maneira diferente daquilo que dizem, isto é, fazem uma coisa e falam outra, levam-nas a ficar confusas e a acreditar que tinham ‘visto errado’”.⁷² Por serem autoridades para a criança, os adultos as levam a acreditar em suas palavras, diferenciando daquilo que veem. Essas incoerências aos poucos atrofiam seus olhos e a habilidade natural de observar.

⁷² FELDMAN, Clara; MIRANDA, Márcio Lúcio de. *Construindo a relação de ajuda*. Belo Horizonte: Crescer, 2002. p. 91.

3 A BASE BÍBLICA PARA A CAPACITAÇÃO (EMPODERAMENTO)

A família é considerada uma instituição importante no processo de aprendizagem e socialização primárias. Todavia, a família tem, cada vez mais, se desvinculado dessa função primordial. Os pais têm responsabilizado às instituições eclesiais a tarefa espiritual, as creches e escolas a tarefa intelectual, isto é, do aprendizado secular. “Quanto ao desenvolvimento físico, social e estético, deixam completamente por conta do acaso”.⁷³ Esses valores formam a base para o comportamento do ser humano. As Sagradas Escrituras falam do crescimento de Jesus: “e crescia Jesus em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2.52).

a) Sabedoria: crescimento mental, intelectual

Em sua humanidade, Jesus se sujeitou ao aprendizado. A criança nasce ignorando muitos fatos, sem saber discernir o bem do mal, o certo do errado, aquilo que faz bem e o que não faz. Ela precisa, no lar, de uma instrução formativa e de um padrão integrado de conhecimento, que formem a base para a interpretação de experiências vivenciais.

b) Estatura: crescimento físico

Deus criou o nosso corpo e devemos ter hábitos saudáveis conosco e com nossos filhos. No contexto judaico-cristão, o corpo do ser humano é habitação do Espírito Santo. Por Ele habitar no ser humano, não pertencemos a nós mesmos, mas a Deus, e nosso corpo deve mostrar essa característica (1Co 6.19).

c) Graça: crescimento espiritual na graça diante de Deus

A graça é um atributo inseparável de Deus. Ela é a generosidade e magnanimidade de Deus para com o ser humano pecador. A vida cristã, em sua totalidade, está contida na graça que é abundante e suficiente para toda necessidade e situação do ser humano.

d) Social: crescimento diante dos homens

O ser humano tende a se preocupar com o seu próprio bem-estar. A criança deve aprender a amar e se sensibilizar pelos problemas dos outros, com real sinceridade de coração e amor.

⁷³ JACOBSEN, 1985, p. 6.

Todas as ações acima expostas são interligadas, pois o indivíduo se socializa a partir do conhecimento que adquire ao longo da vida. É importante entender que o processo de crescimento cognitivo, afetivo, religioso e social do ser humano não se atém exclusivamente à família. Porém, conforme Esdras Costa Benthó, “a primeira experiência relevante de qualquer pessoa, manifesta-se positiva ou negativamente no sistema familiar”.⁷⁴ “Geralmente, nossa instrução formativa é inadequada ou incompleta porque fazemos suposições descontextualizadas a respeito daquilo que os nossos filhos entendem”.⁷⁵

Bronfenbrenner afirma:

O mundo exterior tem um impacto considerável desde o momento em que a criança começa a relacionar-se com as pessoas, grupos e instituições, cada uma das quais lhe impõe suas perspectivas, contribuindo, assim, para a formação de seus valores, de suas habilidades e de seus hábitos de conduta.⁷⁶

É obrigação solene dos pais cristãos dar a seus filhos a instrução e a disciplina condizente com a formação judaico-cristã. Eles devem se dedicar aos filhos mais do que ao seu emprego, sua profissão, seu trabalho na igreja ou posição social. É essencial os pais se voltarem para o coração dos filhos com o propósito de prepará-los para uma vida do agrado do Senhor. O amor e a dedicação dos pais devem levá-los a estarem “dispostos a consumir suas vidas como sacrifício ao Senhor, para que seus filhos se aprofundem na fé e se cumpra nas suas vidas a vontade dEle”.⁷⁷

3.1 Ensino com amor

Conforme Jerusa Vieira Gomes, da Universidade de São Paulo, é recomendável que o conhecimento e a socialização primárias sejam os valores legados pela família através dos vínculos de afetividade e respeito. Na socialização primária, são interiorizadas normas e valores, e as formas de relacionamento.⁷⁸ Essa

⁷⁴ BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: história e sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006. p. 26.

⁷⁵ TEDD-TRIPP, Margy. *Instruindo o coração da criança*. São José dos Campos: Fiel, 2009. p. 41.

⁷⁶ BRONFENBRENNER *apud* BENTHO, 2006, p. 26.

⁷⁷ BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1995. p. 1840.

⁷⁸ GOMES, Jerusa Vieira. Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/747.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

interiorização de normas e valores somente se efetivará no relacionamento amoroso. Os pais não devem amar seus filhos somente com o “amor sentimento”, mas com o “amor dever”. Leonardo Boff cita a posição de Francisco de Assis na relação do amor fraterno:

Ama-os como são, sem desejar, para teu proveito, que sejam cristãos melhores... Que nenhum irmão, ainda que tenha pecado a mais não poder, saia de tua presença, depois de ver os teus olhos, sem obter perdão, se de ti o tiver solicitado. E se, depois disso, ainda mil vezes ele se apresentar diante de ti, ama-o mais, a fim de conduzi-lo ao Senhor.⁷⁹

A criança precisa da presença dos pais para rir, jogar, ler, e essa doação de “tempo presença” tem o significado de amor para elas. Amar é uma atitude íntima, um estilo de vida que não se limita a palavras e gestos. Pode faltar aos pais condições de terem todo o tempo necessário à família, e então sonham com os finais de semanas e as férias. No entanto, a presença dos pais é ideal no dia a dia. É a devida qualidade do momento junto à criança que nos faz viver melhor um com o outro. Ela tem dificuldade em entender o termo abstrato “amor”. Os pais podem dizer muitas vezes à criança que a amam, todavia ela entenderá mais claramente esse amor através da linguagem objetiva do brincar, jogar, rir, etc. Quando beijamos, abraçamos ou fazemos carinho a um filho aflito, estamos mais do que o consolando. “Estamos lhe proporcionando algo essencial para o seu desenvolvimento físico e emocional saudáveis”.⁸⁰ O contato físico por parte dos pais, irmãos e outras pessoas próximas da criança é de importância vital para o seu desenvolvimento, trazendo-lhe tranquilidade e segurança. As crianças podem interpretar a falta de carinho como falta de amor. Ângela Marulanda comenta que “infelizmente ainda há muitos tabus a respeito do contato físico e do carinho, especialmente para com os filhos homens”.⁸¹ Muitas vezes os pais se permitem acariciar a filha, mas não o filho, temendo a possibilidade de se tornar pouco viril. Esses pais têm dificuldade em expressar seus sentimentos em afagar os filhos, porque não tiveram esse contato com os pais. Aprenderam e agora ensinam a seus filhos que para ser homem tem que ser

⁷⁹ LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto*: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 70.

⁸⁰ MARULANDA, Ângela. *O desafio de crescer com os filhos*: valores e atitudes que ajudam na formação das novas gerações. São Leopoldo: Sinodal, 2004. p. 66.

⁸¹ MARULANDA, 2004, p. 67.

autossuficiente e se esconder numa máscara de "durão". "Nada mais errado do que acreditar que as demonstrações afetivas podem fazer mal a um filho".⁸²

Sendo o amor um transbordar da alegria em Deus, que atende alegremente as necessidades de outras pessoas, então essa alegria em dar é um dever cristão, e o esforço de não buscá-la pode ser pecado.⁸³ O apóstolo João diz: "aquele que diz estar na luz e odeia a seu irmão, até agora, está nas trevas" (1Jo 2.9).

Admirar algo bom e agradável, ou amar alguém porque é simpático, talentoso, inteligente, é uma situação confortável. Alguns pais poucas vezes elogiam o trabalho feito pelo filho. Entretanto, são detalhistas e precisos em lhes apontar os erros. Amar verdadeiramente, no entanto, é aceitar as condições adversas. O sentimento pode ser contrário, mas o amor deve continuar.⁸⁴ Para Jacobsen,

Os pais que verdadeiramente amam seu filho estão dispostos a sacrificar seus desejos para criar uma harmoniosa atmosfera familiar à qual o pequenino possa sentir que pertence, e na qual é aceito tal qual é, e querido por si mesmo. A criança que conhece esse tipo de amor pode ajustar-se a quase tudo; tem uma segurança básica que ajuda a protegê-la do temor. Sem esse amor altruísta, embora façam "tudo o que o livro manda", os pais jamais conseguirão ser bem sucedidos.⁸⁵

Amar é se oferecer em sacrifício por quem se ama. Há um afastamento diametral entre o amor e o egoísmo. A busca e o desenvolvimento deste amor no nosso ser é o caminho a ser seguido pelo cristão. Formar Jesus em nós (Gl 4.9) nada mais é que conseguirmos amar como Jesus nos amou.

3.2 A família como centro formador da espiritualidade

Existem vários conceitos que tentam esclarecer o significado do que é "família". O Dicionário Aurélio, em um dos seus conceitos sobre família, descreve como "unidade espiritual constituída pelas gerações descendentes de um mesmo tronco, e fundada, pois, na consanguinidade".⁸⁶ O vocábulo "família" procede do latim "famulus", que queria dizer "servo" e se referia a todos aqueles que viviam sob

⁸² MARULANDA, 2004, p. 68.

⁸³ PIPER, John. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. São Paulo: Shedd, 2003. p. 98.

⁸⁴ JACOBSEN, 1985, p. 10.

⁸⁵ JACOBSEN, 1985, p. 10.

⁸⁶ FERREIRA, 2004.

o poder do patrão. Mais tarde, designou o conjunto de esposa, filhos, servos e escravos que viviam sob a dominação do patrão ou pai.⁸⁷

No atual contexto, no entanto, a família tem se configurado de formas diversas, mudando significativamente a família nuclear, modelo considerado por muitos a “ideal”, ainda transmitida e predominante em nossa cultura. Conforme Valburga Streck, “a família nuclear ou elementar é formada por um homem, uma mulher e seus filhos”, e de “acordo com os estudiosos, sempre existiu nas sociedades, mesmo nas mais arcaicas”.⁸⁸

Hodiernamente, com o individualismo, a globalização, o consumismo desenfreado, a nova ordem econômica mundial, as novas tecnologias e outros fatores que modificam as relações, os modelos de famílias encontrados são tantos, que se torna difícil classificar e principalmente julgar os bons e os maus modelos. Com um considerável declínio da instituição do casamento e uma crescente banalização do divórcio, resultando no aumento da união consensual⁸⁹ e de famílias chefiadas por um só cônjuge, com maior reincidência sobre as mulheres,⁹⁰ a hegemonia da família nuclear está sendo questionada. Independentemente do gênero, essa nova ordem familiar envolve seus membros, levando-os a desempenhar funções de acordo com as necessidades atuais e não mais segundo as práticas tradicionais de uma família nuclear.⁹¹

No contexto judaico-cristão, “família” se inclui nas demais obras criadas por Deus. Após ter criado o homem, “o Senhor Deus disse: ‘Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea’” (Gn 2.18). A intenção do Deus Criador não foi formar um homem apenas, mas o homem e a mulher para relação de amizade e procriação. Toda iniciativa e ação foi da parte de Deus. Deus constatou que a solidão não seria boa para a sua criatura. Chegada a hora por Ele

⁸⁷ STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal. 1999. p. 24.

⁸⁸ STRECK, 1999, p. 32.

⁸⁹ Por definição, considera-se como união consensual quando uma pessoa vive em companhia do cônjuge, sem ter contraído casamento civil ou religioso.

⁹⁰ Conforme dados do IBGE, desde a década de 1980, vem crescendo continuamente a proporção de mulheres como pessoa de referência da família. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html#anc3>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

⁹¹ SILVA, Flávia Mendes. *Antigos e novos arranjos familiares: um estudo das famílias atendidas pelo serviço social*. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/ANTIGOS%20E%20NOVOS%20ARRANJOS%20FAMILIARES.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

determinada, levou a Adão uma companheira ideal, e instituiu a família para o desenvolvimento físico e espiritual da raça humana. Inicia-se, então, o procedimento que as Escrituras chamam de “uma só carne”; a primeira família (Gn 2.24).

A partir do texto acima mencionado, podemos depreender que a família está no centro do propósito de Deus para a humanidade. Deus criou o homem e a mulher e estabeleceu para estes um plano relacional, a família. Ela, portanto, tem uma estrutura tanto divina quanto biológica e social. No contexto judaico-cristão, a família existe antes que qualquer instituição ou sociedade. Ela é anterior à nação e à própria igreja, sendo, portanto, a base para todas as instituições. Dizem as Sagradas Escrituras: “não fez ele somente um? Em carne e espírito são dele. E por que somente um? Ele buscava uma descendência piedosa” (Zc 2.15). Roberto C. Dentan escreve “que o propósito do casamento é fortificar o povo escolhido de Deus, pela descendência que resultara dos casamentos”.⁹²

John Donne cita que “nenhum homem é uma ilha, inteiramente isolado, todo homem é um pedaço de um continente, uma parte de um todo”.⁹³ E, conforme Analídia Rodolpho Petry, “é fundamental a compreensão de que o ser humano não está solto no tempo e no espaço”.⁹⁴ Toda criança deve ser protagonista de sua própria história. Essa história estará vinculada a uma família que integra uma comunidade que, por sua vez, pertence a um contexto sociocultural específico e particular.⁹⁵

No Antigo Testamento o pai desempenhava uma função quase sacerdotal. Antes do estabelecimento formal do sacerdócio pelos levitas, o pai era o responsável em oferecer os sacrifícios a Deus, tanto de sua parte quanto de sua família (Gn 8.20;12.7,8;22.2-9). No mais antigo escrito bíblico, o livro de Jó, temos o relato da preocupação de Jó com seus filhos. Sua observação era constante na

⁹² DENTAN *apud* CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. v. 5. São Paulo: Candeia. 2000. p. 3709.

⁹³ John Donne, poeta inglês (1572-1631). MARTINI, Marcus de. John Donne: considerações sobre vida e obra. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 33, p. 121-137, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8597/8000>>. Acesso em: 01 mai. 2010.

⁹⁴ PETRY, Analídia Rodolpho. *Esquizofrenia e representação social: estudo de casos em Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 35.

⁹⁵ PETRY, 2005, p. 35.

conduta dos filhos; sempre intercedendo a Deus para que eles experimentassem da parte dEle a salvação e Suas bênçãos (Jó 1.5).⁹⁶

Uma das funções dessa instituição criada por Deus é a fecundação; em outras palavras, multiplicação da raça humana. O Senhor “os abençoou, dizendo: — Tenham muitos e muitos filhos; espalhem-se por toda a terra e a dominem” (Gn 1.28). Isso nos mostra que o Senhor desejava à humanidade, e não somente a Adão, Sua imagem e semelhança.⁹⁷ Champlin afirma: “foram dados poderes de procriação ao homem; a fertilidade foi-lhe assegurada por decreto divino”.⁹⁸

Sete, o terceiro filho de Adão e Eva, foi gerado quando Adão tinha 130 anos de idade, à imagem e semelhança de seu pai (Gn 5.3), isto é, Sete recebeu de Adão tanto a imagem e semelhança de Deus, inicialmente atribuída a ele, como também a natureza do pecado.⁹⁹

Inicialmente o ser humano teve a amizade e a comunhão total com Deus (Gn 3.8). Recebeu do Criador a função de representá-Lo e ser o mordomo de toda a criação, devendo exercer essa função com responsabilidade. Sua missão, que permanece até hoje, é cumprir o propósito divino sobre todas as coisas na Terra. O Senhor quer que o ser humano Lhe corresponda e seja digno de Sua confiança.

Conforme Bavinck, “como criatura o homem é totalmente dependente de Deus, e como homem ele é um ser livre e independente”.¹⁰⁰ O Senhor deu ao ser humano o privilégio do livre arbítrio, inclusive a escolha de obedecer ou desobedecer a Seu Criador.¹⁰¹ O ser humano escolheu desobedecer a Deus, propiciando a entrada do pecado nesse ambiente criado perfeito para ele.

Embora continue com a imagem e semelhança de Deus, o ser humano, após a entrada do pecado no mundo, tem alterado os planos que o Senhor preparou para ele. Pode transformar o lar, um lugar que o Senhor preparou para reinar o amor e ter paz, adequado para a formação dos filhos, em um ambiente egoísta e de

⁹⁶ BÍBLIA, 1995, p. 769.

⁹⁷ BAVINK, Hermann. *Teologia sistemática: fundamentos teológicos da fé cristã*. São Paulo: Imprensa da Fé, 2001. p. 224.

⁹⁸ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. v. 1. São Paulo: Candeia, 2000. p. 20.

⁹⁹ MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no livro de Gênesis*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983. p. 121.

¹⁰⁰ BAVINK, 2001, p. 224.

¹⁰¹ PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário bíblico Moody: Gênesis à Deuteronômio*. v. 1. São Paulo: Batista Regular, 1997. p. 5.

guerra. Embora a estrutura dessa instituição social e o papel de cada membro que a ela pertença mude, com o passar do tempo, o seu significado para Deus permanece inalterado.

4 O ENSINO, A FAMÍLIA E A SOCIALIZAÇÃO

A família deve ser o meio onde as experiências da vida possam acontecer. Não é preciso esperar que os filhos tenham experiências espirituais, isto é, conhecimento de Deus e Suas leis na igreja, pois o lar pode oferecer estas coisas, e mais adequadamente, pois o tempo de convívio é maior. A Escola Bíblica Dominical, a Escola Bíblica de Férias, os acampamentos cristãos e os cultos para crianças na igreja não retiram da família a responsabilidade do ensino das Sagradas Escrituras. É importante os pais levarem seus filhos à igreja. Porém, mais importante é levá-los primeiramente a Cristo. Num ambiente adequado e com uma linguagem acessiva, os pais podem levar a criança a um relacionamento sério com Deus no lar. Tedd e Tripp, no livro *Instruindo o coração da criança*, escreve:

A vida é uma sala de aula. Isso é verdade. Ensino e aprendizagem estão em processamento vinte e quatro horas por dia. Aqui é onde mora o perigo. Na ausência da instrução formativa, os instrutores da formação secular assumem o controle. Nossos corações são facilmente cativados pelas filosofias enganadoras e vazias de uma cultura ímpia (Cl 2.8). A maioria das culturas interpreta a vida com olhos não regenerados e promovem suas conclusões através de vários meios, que vão desde a propaganda até a educação.¹⁰²

Os filhos necessitam de uma dedicação na integralidade do seu ser em formação - corpo, alma e espírito. No entanto, existem pais que abrem mão dos seus deveres de pais educadores, trocando a repreensão disciplinadora em prol de uma amizade que permite aos filhos liberdade de escolha ilimitada. Eles esperam a amizade de seus pais, mas principalmente a orientação e limites para se sentirem seguros. É da responsabilidade dos pais “moldar neles um temperamento equilibrado, formar um caráter justo e construir uma personalidade saudável”.¹⁰³ Podemos pensar que o termo “caráter” signifique qualidades como honestidade, coragem e paciência. Porém, “caráter é a expressão exterior do que uma pessoa é no interior”.¹⁰⁴ O que escolhemos ou a maneira como tratamos as outras pessoas, e nossa reação às circunstâncias, são estabelecidas pelo que temos em nosso interior.

¹⁰² TEDD-TRIPP, 2009, p. 19.

¹⁰³ CRUZ, 2006, p. 9.

¹⁰⁴ CRAWFOR-LORITTS, Karen. *Construindo o caráter do seu filho*. São Paulo: Imprensa da fé, 2004. p. 18.

A cultura relativista hodierna distorce os valores judaico-cristãos. “Os entretenimentos, as artes e a música, a literatura, os costumes, os esportes, o trabalho, o lazer, a recreação, tudo tem sido distorcido para servir à cultura predominante”.¹⁰⁵ O propósito é “remover da consciência pública até o último vestígio da verdade cristã”.¹⁰⁶ A influência sistemática da cultura pós-moderna, sobre nossos filhos, envolve-os e os “ensina o que devem pensar acerca da autoridade, da justiça, da honra, da diversão, da responsabilidade e da orientação sexual”.¹⁰⁷ Somente o ensino dos preceitos do Senhor formará a base que proporcionará à criança não apenas a obtenção de conhecimentos variados, mas também concederá uma visão integrada e coerente de vida, relacionada com o Criador e com os Seus propósitos.

Clara Feldman e Márcio Lúcio de Miranda nos dão alguns princípios da relação interpessoal:

1. A pessoa é, em grande parte, resultado das relações interpessoais que estabeleceu durante sua vida.
2. Ninguém sai ileso de um encontro com outra pessoa.
3. Há sempre uma relação de causa e efeito acontecendo entre duas pessoas – uma causa efeitos sobre a outra e vice-versa.
4. Esses efeitos podem ser para melhor ou para pior, construtivos ou destrutivos, para uma das partes ou para ambas.
5. Esses efeitos são especialmente marcantes quando uma das pessoas é considerada significativa – aquela que tem maior influência sobre a outra devido ao papel social que desempenha.¹⁰⁸

Nariana Caplan comenta, em seu livro *Atitudes*, que o relacionamento é tudo - começo e fim. Sem relacionamento não temos nada e não somos ninguém.¹⁰⁹ Aristides Ramos entende que o ser humano, fruto da cultura pós-moderna, vive a dualidade entre o relacionamento e o desempenho - desempenhar funções ou relacionar-se com pessoas. Segundo Ramos, pensar com categoria urbana hodiernamente é pensar em desempenho, não no relacionamento. A vida, no entanto, acontece na relação com Deus, com a família e com o próximo.¹¹⁰ Toda sabedoria ou sucessos obtidos perdem o sentido

¹⁰⁵ TEDD-TRIPP, 2009, p. 45.

¹⁰⁶ TEDD-TRIPP, 2009, p. 45.

¹⁰⁷ TEDD-TRIPP, 2009, p. 45.

¹⁰⁸ FELDMAN, 2002, p. 45.

¹⁰⁹ CAPLAN, Mariana M. A. *Atitudes: quando os filhos escolhem estilos alternativos de vida*. São Paulo: Madras, 2000. p. 25.

¹¹⁰ RAMOS, Aristides. *Curso Pastor Urbano*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 13-18 jul. 2009.

quando não se tem alguém com quem partilhar. Os assuntos essenciais do relacionamento não são mais evidentes em outro lugar do que na relação entre pais e suas crianças.¹¹¹

4.1 A espiritualidade judaico-cristã na criança

Alguns pais cristãos entendem que a espiritualidade judaico-cristã é uma herança que pertence aos filhos. Ela é inerente aos filhos se os pais forem de Cristo. No entanto, as estatísticas nos dizem que muitos dos marginais e presidiários dos grandes centros são filhos de pais cristãos. Por outro lado, muitos dos verdadeiros cristãos, úteis no Reino de Deus e na sociedade, formaram sua espiritualidade na tenra idade em seus lares. O que pode influenciar uma criança a seguir um determinado comportamento? Possivelmente seja a habilidade dos pais em usar a instrução bíblica formativa, contribuindo para que elas criem princípios absolutos pelos quais viverão.

4.1.1 Plantar e colher

As Escrituras dizem: “não se enganem: ninguém zomba de Deus. O que uma pessoa plantar, é isso mesmo que colherá...” (Gl 6.7-8). Os pais colherão o que semearem na mente e no coração de seus filhos. Na organização da vida humana, o Senhor Deus estabeleceu como resultado inevitável a semeadura e a conseqüente colheita. Os que forem comprometidos com o estabelecido nas Sagradas Escrituras terão paz. Não é uma questão de mágica. Deus, em Seu imensurável amor, deixou escrito em Sua Palavra o que é necessário ao ser humano fazer para colher bênçãos espirituais e materiais.

O rei Davi, do antigo Israel, marcou seu reinado com grandes feitos pessoais, e extraordinárias mudanças na realidade do povo judeu. Teve proteção divina em muitas áreas de sua vida. Porém, em relação à família, foi um desastre - não se enquadrou na Palavra em relação aos seus filhos.¹¹² Não podemos deixar de considerar que as leis naturais são para todos. O acaso pode beneficiar um ser humano perverso. Porém, o pai comprometido com Cristo não deixa o acaso guiar

¹¹¹ CAPLAN, 2000, p. 26.

¹¹² Davi não ensinou o verdadeiro sentido da família a seus filhos. Eles não foram levados a conhecer limites e a se respeitarem. Isso trouxe graves conseqüências, e sua família foi sendo destruída pelas inúmeras brigas, incesto, traições, mortes e assassinatos (2Sm 13-18).

sua família, mas se enquadrará no estabelecido nas Sagradas Escrituras para que seu lar seja abençoado.

É importante entendermos que nunca se colhe a mesma quantidade do que foi semeado; há sempre uma multiplicação. Isso é bom para o fazendeiro, mas deve ser levado em consideração pelos cristãos. Quando se planta uma semente, nasce uma árvore que certamente frutificará. Quando se planta uma cesta de trigo, colher-se-ão muitas cestas de trigo. Isto significa que quando semeamos um pouco de amor colheremos muito amor e, quando semeamos discórdia, colheremos muita discórdia.

O agricultor não espera plantar num dia e ceifar no dia seguinte, mesmo que use a mais avançada tecnologia. Sempre haverá um tempo para a frutificação. A transformação de uma semente em árvore exige tempo; da mesma forma, há um tempo para o rancor amadurecer até dar o seu fruto. Sem uma compreensão deste aspecto da lei de semear e ceifar, será difícil estabelecer a correta conexão entre a operação de plantar e a de colher.¹¹³ Na dimensão espiritual da semeadura e da colheita, colhemos em nosso relacionamento com Deus, com os seres humanos, nos hábitos da vida, em nossa reputação, nossa utilidade no Reino de Cristo e para a eternidade.

4.2 Evangelizando a criança

O Evangelho é o centro de toda a teologia escriturística, “por meio do qual é dada a revelação da justiça de Deus e do elevado destino dos remidos”;¹¹⁴ portanto, parte central na criação dos filhos. O Evangelho é a única esperança do perdão divino, de mudança interior e profunda.

O termo “evangelismo”, derivado da palavra “evangelho”, que vem do grego “*evaggelion*” - literalmente significa “boas novas” - acrescido da partícula “ismo”, denota sistema. Evangelismo, portanto, envolve os princípios, os métodos, as técnicas e as estratégias empregadas na ação de evangelizar. Champlin diz que o

¹¹³ MACLISTER, Roberto. *Perdão: o segredo da cura total*. Rio de Janeiro: Carismo, 1981. p. 65-71.

¹¹⁴ CHAMPLIN, Russel Norman. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. v. 3. São Paulo: Candeia. 1995. p. 573.

Evangelho, no Novo Testamento, “refere-se às ‘boas novas de salvação’, ao anúncio sobre o Reino de Deus, à mensagem de perdão que Deus enviou aos homens”.¹¹⁵

Evangelizar é uma ordem imperativa de nosso Senhor Jesus Cristo, exarada nas Escrituras Neotestamentárias: “ide por todo mundo pregai o Evangelho a toda Criatura” (Mc 16.15). O alcance da ordem imperativa de Cristo é extensivo a toda criatura, independente de faixa etária, isto é, abrange adultos e crianças. Evangelismo infantil, por sua vez, consiste na utilização de princípios, métodos, técnicas e estratégias na ação de evangelizar ou expor as boas novas da salvação em Cristo para as crianças. A criança está ávida por aprender; isso oportuniza o ensino das “boas novas”, conforme as Sagradas Escrituras. Todo o tempo empregado para evangelizar uma criança não é perdido, pois iniciando com princípios sadios, ela continuará assim por toda a vida.

A iniciativa de Deus na salvação não priva ninguém, porque ela visa a salvação de todo ser humano. Boa parte do pensamento moderno parece acreditar que necessitamos de educação e não de salvação; de um campus, e não de uma cruz; de um planejador social e não da propiciação de um Salvador. As Sagradas Escrituras dizem que Deus nos predestinou para sermos “conforme a imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Esta expressão revela o alvo que devemos alcançar pela salvação. Jesus foi predeterminado por Deus para ser o “modelo”, a fim de que “muitos irmãos”, por meio dele, alcancem a sua imagem - semelhança de Deus - com a qual no princípio, o homem foi criado. Para a aquisição dessa imagem, o homem precisa definir-se. Deus espera que cada ser humano defina a sua posição em relação à salvação a que Ele o predestinou. Portanto, levar uma criança à Cristo é mais que uma responsabilidade, é um mandamento do Senhor. Deus ama cada criança e quer que todas se salvem, mas Ele somente as salvará se nós as evangelizarmos e se elas, persuadidas, decidirem-se por Cristo. Por causa de nosso fracasso, a vontade de Deus na vida de muitas crianças não tem sido feita. As Escrituras dão grande valor à alma de uma criança. Jesus usou como exemplo uma criança, quando ensinava sobre humildade. E condenou com veemência aqueles que as escandalizassem (Mt 18.5-6).

A criança passa por um processo gradual de aprendizado. A evangelização não deve produzir algo pronto, mas suprir o que é preciso para que o processo de

¹¹⁵ CHAMPLIN, 1995, p. 574.

crescimento se desenvolva de maneira normal e salutar. O evangelismo, ao anunciar as boas novas, preocupa-se com a transformação progressiva da criança no caráter, valor, motivação, atitudes e entendimento do próprio Deus (Mt 28.20), proporcionando o conhecimento da vida eterna dentro da personalidade da criança, levando-a em direção à semelhança de Cristo.

Como já abordamos, há o conceito de que a salvação é herança para os filhos, se os pais forem de Cristo. Este conceito é falso. Não basta serem filhos de cristãos; todas as crianças precisam ser evangelizadas, isto é, persuadidas acerca da necessidade de serem salvas por Jesus. Elas precisam conhecer a Jesus Cristo pessoalmente. Podemos, porém, com sutilezas, influenciar e até pressionar a criança a fazer “uma decisão” de seguir a Cristo, decisão esta fundamentada na tentativa de agradar os homens e não a Deus.¹¹⁶

Também não é aconselhável evangelizar as crianças e depois abandoná-las; temos que fortalecê-las para resistirem às tentações e serem fiéis até o fim. Muitos pais erram ao isolar seus filhos de sua experiência religiosa, porque acham que são pequenos e não entendem. Com isto, afastam deles a possibilidade do fortalecimento da semente do Evangelho, plantada em seus “corações”.

As crianças precisam conhecer a Jesus Cristo pessoalmente e se decidirem por Ele com desejo de viver para agradá-Lo e segui-Lo fielmente. Precisam entender que essa salvação pertence a Cristo, que aguarda pacientemente por uma decisão pessoal.

Os filhos devem ser considerados dádivas de Deus, e requerem dos pais uma educação sábia. Para se ter um lar seguro, onde os filhos possam crescer física, moral, social, emocional e espiritualmente é preciso que os pais tenham fé e se dêem o máximo. É essencial que os filhos aprendam a reconhecer seu dever de fazer alguma coisa para o Reino de Deus. Para isso, desde cedo, deve ser implantado na criança o desejo de ser útil para o Reino, servindo a Deus e o ser humano sem preconceitos.

¹¹⁶ FERREIRA, Marilene do Amaral Silva. *Evangelização e discipulado com crianças*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/evangelismo/evangelismo_crianças.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

4.3 Ensinando a criança

Os pais cristãos têm a obrigação de dar aos filhos a instrução e a disciplina condizente com a formação cristã. Como exemplo de vida e conduta cristã, devem se importar mais com a salvação dos filhos do que com seu emprego, profissão, trabalho na igreja ou posição social (Sl 127.3).

O que, em muitos casos, tem predominado no mundo hoje é permitir que as crianças sigam o curso natural de seu espírito. Muitos acreditam que elas poderão se endireitar depois de algum tempo, deixando seus hábitos e se tornando, afinal, homens e mulheres úteis. As Escrituras insistem: “eduque a criança no caminho em que deve andar, e até o fim da vida não se desviará dele” (Pv 22.6). Champlin comenta:

De modo geral, um bom “ensino” (sic) significa uma boa criança que se tornou um bom adulto e segue a vereda de retidão por toda a vida. [...] Este versículo exprime um dos pontos fortes dos sábios hebreus, a saber, a insistência no “ensino” (sic) moral de uma criança por parte de seus pais. Esse “ensino” (sic) deve começar bem cedo, quando a mente da criança ainda estiver bastante impressionável.¹¹⁷

Os pais cristãos precisam separar tempo para identificar e avaliar o poder e a influência dos inimigos espirituais de seus filhos. Uma criança bem formada e respeitada em sua faixa etária provavelmente será um adulto com vida plena e próspera tanto material como espiritualmente.¹¹⁸ Uma infância saudável e segura facilitará o adulto lidar melhor com suas experiências difíceis.

4.4 Valores Insubstituíveis na Formação dos Filhos

O sacerdote, no Antigo Testamento, era mediador entre Deus e o povo, oferecendo sacrifícios e orando em seu favor. No Novo Testamento, todos os cristãos são sacerdotes (1Pd 2.9). Dentro do lar cristão, os pais são os sacerdotes da família que, no contexto bíblico, reflete com clareza o ensino das Escrituras em amor, que é a expressão máxima do relacionamento familiar. No relacionamento sacerdotal entre pais e filhos, existem alguns valores insubstituíveis na construção do infante - projeto do Senhor. Podemos citar os que seguem.

¹¹⁷ CHAMPLIN, 2000, p. 2648.

¹¹⁸ CHAMPLIN, 2000, p. 2648.

4.4.1 O amor

Uma definição escriturística para espiritualidade cristã é “amar a Deus com todo o nosso coração, com toda a nossa mente e com todas as nossas forças e também devemos amar os outros como amamos a nós mesmos...” (Mc 12.33). Talvez seja difícil para alguns pais entenderem e se entregarem a esse amor. Existe no amor uma dialética da posse e da ausência de posse. Desde que se ama seriamente, cessa-se de pertencer a si mesmo, despoja-se para se oferecer. Portanto, o amor - incondicional - dos pais aos seus filhos se alimenta no prazer de dar e não pelo que há de receber em troca.¹¹⁹ O caminho para esse amor é difícil, pois exige sacrifício.

A criança constrói o seu amor próprio, como também desenvolve seu amor ao próximo, principalmente, a partir do amor que lhe é oferecido por seus pais. Primeiro, ela deve se sentir amada para começar a se amar e amar aos outros.¹²⁰

4.4.2 Figura materna e paterna

Não devemos transferir a ninguém a responsabilidade de mãe e pai. Para se tornar uma pessoa sadia e madura, a representação da figura paterna e materna é fundamental na formação, no desenvolvimento e construção moral, social, emocional e psicológica da criança. A criança criada sem referencial masculino ou feminino pode se tornar aversiva às ordens dadas por representantes masculinos ou femininos, respectivamente. A figura do pai, ou pai substituto, faz-se necessária para ensinar seu filho a canalizar e conter sua energia agressiva de forma socialmente aceitável, através de esportes, trabalho físico ou outras atividades energéticas que, por tradição, são realizadas por homens. Sem a mentoria do pai ou substituto, essa energia agressiva pode se expressar cegamente e se tornar inútil ou destrutiva.¹²¹

Algumas mães reagem positivamente à masculinidade de seus filhos. Outras, no entanto, a presença do filho em suas vidas pressagia ameaça e perigo. Elas têm ideias distorcidas ou estreitas sobre a masculinidade saudável. As mães

¹¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 100.

¹²⁰ FELDMAN, 2002, p. 37.

¹²¹ BASSOFF, Evelyn S. *Entre mãe e filho: o que fazer para seu filho se tornar um adulto feliz e realizado*. São Paulo: Saraiva, 1996. p. 27.

estimulam seus filhos homens afirmando e encorajando sua natureza masculina, porém os instintos protetores maternos podem dificultar tal tarefa e a figura paterna ajuda o filho a se emancipar dessas atitudes maternas.¹²²

As filhas, por sua vez, assimilam o modelo das atitudes que as mulheres podem esperar do sexo masculino, na observação do relacionamento entre seus pais. “A ausência do pai produz efeitos negativos no desenvolvimento psicosssexual das filhas”.¹²³

Conforme Evelyn Bassoff, ao se comprometerem com o cuidado compartilhado dos filhos, na proteção e nutrição, preocupando-se com a disciplina e se regozijando juntos, mãe e pai são levados a uma intimidade diária a partir da qual pode nascer um amor conjugal forte, profundo, duradouro e inquebrável.¹²⁴

Ultimamente, porém, temos testemunhado a decadência do casamento, que traz sofrimento aos filhos do divórcio e também aos casais magoados. Quando um casal decide se separar, surge uma fase de turbulência causada pelas muitas negociações para decidirem como será a nova vida de cada um deles. Mesmo que o rompimento conjugal seja de comum acordo, esta fase significa muito mais que uma simples separação. Nessa turbulência, ambos devem ajudar os filhos de maneira especial durante o período de tensão. Os filhos geralmente modificam seu comportamento com cinismo, amargura e pouco caso com autoridades e sentimentos alheios, quando percebem a tensão produzida pela separação dos pais no lar. Um senso de incapacidade de melhorar a situação, e uma sensação de estar sendo abandonados por um dos pais desarranja seu mundo. Os pais devem aliviar essas sensações, assegurando-lhes que o problema não é culpa deles. O divórcio não termina com a ação do tribunal. “Muito tempo depois de soluções práticas terem sido encontradas para a ruptura, ainda permanece grande fermento social e moral que, apesar de invisível, afeta profundamente as vidas de todos os que estão envolvidos”.¹²⁵

A criança pode sair ilesa ou mesmo fortalecida quando sofre a falta paterna, materna ou do divórcio de seus pais, através da resiliência, que é a capacidade de

¹²² BASSOFF, 1996, p. 28.

¹²³ MARULANDA, 2004, p. 18-19.

¹²⁴ BASSOFF, 1996, p. 121.

¹²⁵ JACOBSEN, 1985, p. 97.

se recobrar ou se adaptar à má sorte ou às mudanças.¹²⁶ A psicóloga Joviana Avanci entende a resiliência como uma capacidade que é construída desde o nascimento - possivelmente até antes.¹²⁷ Maria Cristina Ravazzola cita, em seu trabalho *Resiliências familiares*, que:

Nesse caminho, encontrei as concepções da resiliência de grande interesse para pensar sobre os problemas de violência familiar, maus-tratos infantis e abusos sexuais em criança. Apesar das descrições sobre as consequências das experiências sofridas por algumas pessoas, tanto na bibliografia, como na experiência de colegas das redes em que me baseio, também surgiram descrições de desenvolvimento de pessoas que não seguiam as predições de sintomas e danos, citados pelas teorias tradicionais sobre a conduta humana.¹²⁸

Embora os filhos que têm pais ausentes enfrentem dificuldades psicológicas, não estão condenados a ser mal ajustados ou infelizes. Ninguém pode, naturalmente, substituir a mãe ou o pai biológico ausente na vida de uma criança, mas, na ausência de um deles, pode-se conduzir a criança a outros modelos vivenciais de força e integridade. “Outras pessoas que são presenças temporárias e não permanentes na vida da criança, como seu treinador, os pais dos amigos, os amigos da mãe e seus professores, podem, positivamente, afetar seu desenvolvimento saudável”.¹²⁹

4.4.3 Disciplina

A palavra “disciplina” é de raiz latina e significa ensinar, instruir, educar. A disciplina às crianças em uma família é tão necessária quanto os ligamentos no corpo humano. O propósito da disciplina é modelar o caráter da criança, formando um homem ou mulher com qualidades morais e intelectuais. Calvino cita que, sem aconselhamento e admoestação, o discurso com objetivo de ensino equivale a jogar palavras no ar.¹³⁰ Muitos pais, hodiernamente, entendem que as crianças precisam de liberdade absoluta para o seu desenvolvimento, pensam que o “não pode” inibe o

¹²⁶ MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 88.

¹²⁷ AVANCI, Joviana. Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação. *IHU Online*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=773&id_edicao=269>. Acesso em: 26 ago 2008.

¹²⁸ RAVAZZOLA, Maria Cristina. Resiliência familiar. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005. p. 79.

¹²⁹ BASSOFF, 1996, p. 142.

¹³⁰ CALVINO *apud* FERGUSON; WRIGHT, 1992, p. 298.

desenvolvimento de sua personalidade. Tudo é permitido. Elas precisam de liberdade total para se expressar. Essa forma de educação pode levar a criança a sérios prejuízos. Içami Tiba diz que “o prazer do ‘sim’ é muito mais verdadeiro e construtivo quando existe o ‘não’”.¹³¹ A atual geração se deixa guiar erradamente por uma psicologia superficial. O conceito hedonista deifica os desejos, proclama uma liberdade que libera os nossos impulsos para encontrar gratificação a qualquer preço. Sem disciplina, a criança não aprenderá como realizar a mais elementar tarefa da vida. Deixando a criança absorvida nos prazeres, permitindo que esses assumam o controle, terá dificuldade em completar compromissos com estudo, trabalho, etc... Não é fazendo tudo o que deseja que a criança crescerá forte e resoluta.¹³²

As Sagradas Escrituras nos dizem que o próprio Deus usa a disciplina a Seus filhos amados (Hb 12.6). A disciplina, quando aplicada, não parece ser motivo de alegria. Os resultados, entretanto, mostraram o seu valor (Hb 12.11).

A disciplina não significa agressão, nem física, nem verbal, nem psicológica, nem comportamental. Disciplinar, instruir ou educar não é exigir das crianças comportamento de adultos. Elas são crianças e é bom que ajam como crianças. O propósito disciplinar inicial dos pais deve ser o de capacitar seus filhos a se integrarem bem na família, para o benefício mútuo de cada membro. A disciplina incorrerá em limites que protejam a criança. Toda criança precisa de limites. Esses limites devem ser claros para ela. Para aprender, ela precisa conhecer a razão dos limites que recebe. Conforme Elaine Cruz, “todo indivíduo precisa ser controlado e instruído para fazer o bem desde que nasce: nossas atitudes são aprendidas”.¹³³ Muitas regras a serem observadas, porém, podem levar a criança a não entender a disciplina. No Antigo Testamento, os sacerdotes e profetas criaram excessos de preceitos com o objetivo de disciplinar o povo judeu. O Senhor não se agradou desse excesso e os repreendeu (Is 28.10).

Adonias, filho do rei Davi, não respeitou a autoridade, idade, ou estado de saúde de seu pai. Davi tinha culpa nisto, pois não havia dado limites ou orientado seu filho. Ele nunca contrariou seu filho Adonias. Em 1Rs 1.6, lemos: “jamais seu pai

¹³¹ TIBA, Içami. *Quem ama, educa: formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integrare, 2007. p. 77.

¹³² NOVELLO, 1987, p. 261.

¹³³ CRUZ, 2006, p. 223.

o contrariou, dizendo: Por que procedes assim?”. Quando o menino Adonias cresceu, mesmo sendo mais novo, entendeu que deveria ser o herdeiro do trono de seu pai. Todavia, a herança do trono pertencia, por direito, ao seu irmão mais velho. Como se acostumou a ter todas as suas vontades satisfeitas, ele tratou de armar uma rebelião para usurpar o trono. E tudo acabou numa grande tragédia para a família, com a morte violenta do rapaz.

Observam-se tanto os exageros nos castigos físicos, quanto o total abandono na educação dos filhos pelos pais. As Escrituras falam destes extremos:

Corrija os seus filhos enquanto eles têm idade para aprender; mas não os matem de pancadas (Pv 19.18);

É bom corrigir e disciplinar a criança. Quando todas as suas vontades são feitas, ela acaba fazendo a sua mãe passar vergonha (Pv 29.15).

Champlin, em sua obra *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*, comenta:

A maior parte da disciplina física que é aplicada por nossos pais baseia-se mais na impaciência ou nos desejos egoístas deles do que em um espírito de amor e no desejo de obter boa disciplina. Além disso, há um extremo de tratamento cruel, mediante o qual os pais ferem ou mesmo matam seus filhos. Um bom pai ou mãe pode encontrar outros meios disciplinares exatamente tão eficazes, ou mais ainda, do que provocar dor física em seus filhos, mesmo que essa dor seja administrada com moderação e amor.¹³⁴

Entreter filhos é fácil. Podemos dar televisão, internet, jogos eletrônicos, “liberá-los”, etc. Educá-los com limites é uma responsabilidade que denota seriedade. Significa saber quais são seus programas na televisão, seus acessos na internet, quem são seus amigos, etc. Amnon, filho de Davi, tinha como seu amigo Jonadabe. Esse amigo era muito sagaz (2Sm 13.3). Os conselhos do sagaz Jonadabe levaram Amnon a cometer incesto, provocando mais uma tragédia na família de Davi.

4.5 Comunhão entre os pais e dos pais com os filhos

Um dos pilares no relacionamento familiar é a comunhão. Possíveis erros (a serem ajustados), vitórias (a serem compartilhadas), feridas (a serem tratadas), etc.

¹³⁴ CHAMPLIN, 2000, p. 2604.

precisam de um espaço na família, proporcionado pela comunhão.¹³⁵ Na verdade, a má ou boa comunhão entre os pais refletirá sobre os filhos.

Dietrich Bonhoeffer comenta em sua obra *Vida em comunhão*, que: “sem Cristo reina inimizade entre Deus e os homens e entre homens e homens”.¹³⁶ Isto significa:

Comunhão cristã é comunhão por meio de Jesus Cristo e em Jesus Cristo. Não há comunhão cristã que seja mais ou menos do que isso. Quer se trate de um encontro breve ou de uma comunhão diária durante anos, a comunhão cristã é somente isso. Pertencemos uns aos outros tão somente mediante e em Jesus Cristo.¹³⁷

Os pais têm a responsabilidade de refletir Deus para seus filhos, numa comunhão cristã, ajudando-os a descobrir quem é Deus (Cl 1.10). O conhecimento e a socialização como valores colocados no coração de uma criança são eternos, tanto para o bem quanto para o mal.¹³⁸ Conforme Michele Poletto, “o período da infância é voltado para o aprendizado, para a brincadeira, para as experiências novas, mas precisa da supervisão de um adulto que possa exercer a função de continência, proteção, orientação e cuidado”.¹³⁹

4.6 Instrução religiosa à criança e as faixas etárias

Gene Getz entende a expressão “instrui o menino no caminho em que deve andar” (Pv 22.6a), como sendo instruir a criança de acordo com as necessidades dela em sua faixa etária. Getz divide as faixas etárias por necessidades específicas, isto é: fase exploratória; fase da imitação; fase da identificação e a fase da conscientização.¹⁴⁰ Conforme Laude Erandi Brandenburg,

Para que o trabalho seja eficiente, torna-se necessário focar, com toda seriedade, a fase em que as crianças se encontram, como se apresentam suas necessidades e como se dá o seu desenvolvimento religioso. [...] Nos primeiros três anos de vida não é possível imaginar o enfoque da dimensão

¹³⁵ FEITOSA, Eucir. *Paternidade responsável: meditações para os pais*. São Paulo: MHW, 2008. p. 55.

¹³⁶ BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 10.

¹³⁷ BONHOEFFER, 1986, p. 10.

¹³⁸ CABRAL, Elienai. *Comentário bíblico: Efésios*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. p. 137.

¹³⁹ POLETTO, Michele. Resiliência: um processo psicológico dinâmico. *IHU Online*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=768> Acesso em: 14 ago. 2008.

¹⁴⁰ GETZ, Gene A. *Relacionamentos familiares na família de Deus*. São Paulo: Sepal, 2008.

religiosa num só bloco, pois as mudanças são muito significativas de um ano para o outro.¹⁴¹

É recomendável que os pais reconheçam a posição em que os filhos estão colocados, isto é, em que faixa etária e sua respectiva necessidade, e educá-los sob o jugo de Cristo que é suave (Mt 11.30), na disciplina do Senhor que é o caminho da vida (Pv 6.23), que produz fruto pacífico de justiça (Hb 12.11), e sob as advertências do Senhor (Hb 12.24), ou seja, a voz do Senhor falada através das Escrituras (Jo 5.24).

Os pais precisam se esforçar para criarem seus filhos sem os frustrar, irritar ou desanimá-los (Ef 6.4; Cl 3.21). Conforme Gene Getz, desanimamos ou frustramos nossos filhos quando: 1) negligenciamos-los; 2) não os entendemos; 3) esperamos demasiado deles; 4) os amamos de forma condicional; 5) os forçamos a aceitar nossos alvos e ideias; 5) não admitimos os nossos erros.¹⁴²

4.6.1 Fase exploratória (0 a 1 ano)

Nessa fase o bebê necessita de um abraço com suavidade e firmeza; o contato amoroso da mãe ou do pai em seu corpo o conforta. Laude Erandi Brandenburg cita que “a impressão de mundo que se constrói nessa fase está baseada nas formas de manutenção da vida, em suas necessidades básicas”.¹⁴³ Isto significa que o conceito de Deus se desenvolve com base e nessas primeiras impressões, conclui Brandenburg. Em alguns meses de vida do bebê, já se pode perceber suas emoções de medo, raiva, timidez, contentamento, alegria e afabilidade claramente visíveis, as quais mudam com rapidez. Conforme Içami Tiba, “o recurso infantil mais comum é fazer os pais sentirem-se mal por não atenderem os pedidos dela”.¹⁴⁴ Ele pode se tornar demasiadamente dependente de alguma pessoa, caso não lhe seja dada a oportunidade de conviver com outras pessoas. As atividades de uma criança perto de um ano são bastante grandes, e é preciso vigiá-la constantemente. Toca em todas as coisas, mas é capaz de deixar de tocar quando alguém diz: “não”. Nesta fase, se o “não” for bem definido a criança começa

¹⁴¹ BRANDENBURG, Laude Erandi. O ensino religioso e a educação infantil. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007. p. 102.

¹⁴² GETZ, 2008.

¹⁴³ BRANDENBURG, 2007. p. 102.

¹⁴⁴ TIBA, 2007, p. 125.

a aprender o que deve evitar; se o “não” for muito e incoerente, poderá torná-la confusa.¹⁴⁵

4.6.2 Fase da imitação (1 aos 2 anos)

Nesta fase a criança está alerta, olhando e ouvindo tudo o que é novidade. Não deve ficar sozinha, mas protegida de coisas ou produtos que podem lhe causar danos - tomadas de eletricidade, por exemplo.

A criança quer fazer o que seus pais fazem. Deseja ajudar e participar de tudo o que acontece na casa. No desenvolvimento de sua consciência, a criança necessita que os pais a eduquem de forma que reconheça o que é certo e o que é errado. A criança tem capacidade de conhecer o Pai Celestial, e é necessário que veja os pais honrando a Pessoa e a presença de Deus. Ela deve comumente ouvir e sentir que “mamãe me ama”, “papai me ama” e “Jesus me ama”; que a Bíblia é um livro especial, “o livro de Deus”.

Suas alegrias, oportunidades e problemas estão todos ligados à dependência da mãe e do pai. Por essa razão, é dever dos pais mostrarem, através de seu exemplo, sua gratidão a Deus, por todas as coisas que têm. Manter a disciplina através de horários regulares, aproveitando os horários calmos para camaradagem, amizade, oração e histórias, é eficaz no crescimento da criança. No final dos dois anos, a criança terá conseguido usar todos os sentidos físicos.¹⁴⁶

4.6.3 Fase da identificação (2 aos 3 anos)

O menino quer ser igual ao pai, e a menina igual à mãe. Embora em todas as fases o exemplo seja essencial, nesta, o modelo exemplar para os filhos possivelmente seja fundamental. Com dois anos, a criança pode demonstrar alegria, exaltação e afeição. Mesmo sem suficiente conhecimento de alguns perigos, ela pode sentir medo, chorar, fugir, agarrar-se ou ficar quieta. Nessa fase, quando contrariada, a criança pode se zangar. Ela pode ser forçada a fazer o que lhe impusermos, mas os melhores resultados serão quando lhe dermos exemplos para

¹⁴⁵ JACOBSEN, 1985, p. 22-28.

¹⁴⁶ JACOBSEN, 1985, p. 29-37.

seguir, mas que não sejam demasiadamente difíceis para ela. Nessa idade, podemos introduzir a criança na Escola Dominical.¹⁴⁷

4.6.4 Fase da autoconscientização (3 aos 4 anos)

Fase da conscientização de si mesmo, ou seja, a criança deseja ser ela mesma. Porém, a estrada que a leva à independência é pedregosa. Gosta de fazer perguntas, às vezes repetidamente. Isso requer que os pais respondam a todas com carinho.

“A necessidade de imitar e de opor-se aos outros, de competir e de apropriar-se do que é do outro pode gerar algum “desentendimento”.¹⁴⁸ Pode, porém, comportar-se na Escola Dominical e participar direitinho no culto todo, quando levada a participar. Para um bom desenvolvimento emocional da criança, é importante que os pais estimulem seus filhos a conviverem com amigos. Isso a levará a aprenderem a compartilhar objetos e experiências, e a aceitar regras para suas brincadeiras. Pode confundir Deus Pai e Deus Filho, mas, com o tempo, situar-se-á naturalmente. Orar é natural para a criança nessa idade, e um aspecto a ser estimulado.¹⁴⁹

4.6.5 Fase dos 4 aos 5 anos

Nesta idade a criança já não é mais um bebê. Pode deixar com facilidade a mamãe e o papai para tomar parte em atividades com outras crianças, participando de brincadeiras. Manifesta amor filial principalmente quando foi amada. Pode participar ativamente da vida em família, tendo um relacionamento pessoal com os pais. Participará de oração com todo entusiasmo, quando esta tiver significado compreensível para ela. Tendo idade suficiente para perceber quando fez algo errado, poderá também compreender e crer que “todos pecaram e carecem da glória de Deus” (Rm 3.23). Essa idade pode marcar o seu encontro com Cristo. Os pais podem, a partir dessa idade, levá-la a entregar sua vida a Cristo, orando individualmente por essa necessidade.¹⁵⁰

¹⁴⁷ JACOBSEN, 1985, p. 43-46.

¹⁴⁸ CRUZ, 2006, p. 97.

¹⁴⁹ JACOBSEN, 1985, p. 47-55.

¹⁵⁰ JACOBSEN, 1985, p. 58-66.

4.6.6 Fase dos 5 aos 6 anos

Nesta faixa etária a criança é curiosa, quer saber como as coisas funcionam. Gosta de explicações que lhe proporcionem entendimento, e também de brincar com outras crianças. É importante que se associe a seus pares e aprenda tanto a ficar sozinha quanto a cooperar com grupos.

“O código moral de uma criança de cinco anos é absorvido e não ensinado”.¹⁵¹ Sua moralidade será reflexo do lar, dos pais, amigos, igreja, televisão e livros, tanto positivo quanto negativo. Nessa fase, a criança age impulsivamente; sem reflexão, pode repetir qualquer ato que lhe traga prazer. Às vezes, por não conhecer a nossa verdade ou não conhecê-la bem, a criança parecerá tratar a verdade com pouco caso. Sua imaginação fértil pode fazê-la contar histórias inventadas pelo que gostaria que acontecesse. Para inspirar a criança a falar sempre a verdade, é necessário proporcionar-lhe a confiança de que seus erros serão tratados por pais amorosos.

A criança de cinco anos compreende melhor um mundo feito por “um Ser Superior”, e deseja se relacionar - pessoalmente - com esse Ser. A criança “acha difícil, se não impossível, entender que toda criação seja fruto de evolução”.¹⁵² Ela associa Deus a tudo que é bom, verdadeiro e belo quando o ambiente lhe transmite essa impressão. Quando os pais são demasiadamente rígidos, a criança pode associar a figura de Deus a um pai pronto a castigar quando Seu filho se comportar mal.

Nessa idade ela já pode planejar e realizar algum propósito por si, e já está apta a compreender alguns dos planos de Deus tanto para ela quanto para o mundo. Embora não consiga entender conceitos espirituais abstratos, pode ser levada a entender que Deus a fez, ama e cuida dela, dando-lhe uma família, a partir da qual Ele providencia o alimento, a roupa e todas as coisas boas que ela tem. É importante que os pais levem a criança a pedir coisas específicas a Deus, e também a ensinem a gratidão.

¹⁵¹ JACOBSEN, 1985, p. 74.

¹⁵² JACOBSEN, 1985, p. 76.

4.6.7 Fase dos 6 aos 7 anos

Nesta faixa etária a criança deseja ser aceita no grupo e espera uma opinião favorável desse grupo. Ela deseja um destaque, porém nem sempre sabe como obtê-lo. Ainda encontra dificuldade em determinar o que é real e o que é “faz de conta”. A escola lhe traz um grande desafio; é onde ela, possivelmente mais independente, por si só, precisa se sair bem.¹⁵³ Conforme Margaret Bailey Jacobsen, “seu senso de competição, o desejo de sobressair, a percepção social e o julgamento crítico de seu próprio trabalho apresentam problemas para o adulto que lidera um grupo”.¹⁵⁴

Nessa idade ela está sensível à natureza que a cerca, proporcionando-lhe uma experiência agradável de louvor e adoração a Deus, que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento. Ela pode entender que o Senhor Jesus levou os nossos pecados no seu corpo sobre a cruz a fim de e vivermos uma vida correta. Isso a leva à consciência dos próprios erros e à motivação em deixá-los, voltando-se para o Senhor Jesus.

Gosta que leiam para ela, oportunizando aos pais a leitura da Bíblia. Eles devem considerar que ainda lhe são difíceis os conceitos abstratos. Portanto, é o momento para tornar conhecidos aos filhos os personagens da Bíblia, que são concretos.¹⁵⁵ Os pais devem estar atentos ao que a criança diz, pois isto muitas vezes servirá para ajudá-la.

Nessa idade a criança quer participar do culto doméstico, o qual deve ser adaptado às faixas etárias que dele participam. A associação prazerosa da criança nessa idade com a Bíblia, a igreja, o culto, o pastor, seus professores da Escola Dominical e os irmãos da igreja lhe trará alegria e sentido à vida cristã. A associação da igreja como a “casa de Deus” deve ser o mais agradável possível. Os pais devem proporcionar as mudanças necessárias para que seus filhos consigam avaliar a ordem e a beleza do prédio da igreja e a qualidade especial de ser a “casa de Deus”.¹⁵⁶

¹⁵³ CASALE, Franco Del. *Ajuda-me a crescer: desenvolvimento evolutivo dos 0 aos 16 anos: análise transacional e terapia refocalizadora*. São Paulo: Summus, 1986. p. 132.

¹⁵⁴ JACOBSEN, 1985, p. 81.

¹⁵⁵ CASALE, 1986, p. 137.

¹⁵⁶ JACOBSEN, 1985, p. 86-87.

4.6.8 Fase dos 7 aos 8 anos

Nesta faixa etária a criança começa a pensar por si mesma; acha que entende tudo e quer tudo à sua maneira.¹⁵⁷ No desenvolvimento natural, a criança nessa faixa etária pode, muitas vezes, ser egocêntrica, centralizando o universo em si mesma. Possuindo ainda dificuldades para decidir, tem que se adaptar para conviver em dois mundos diferentes - o lar e a escola - que lhe apresentam estruturas, regras, deveres e haveres diferentes. Num comportamento emocionalmente excitável e desafiador, está mais sensível aos sentimentos, atitudes e ações das pessoas para com ela própria, desejando que a elogiem, aprovando suas ações.¹⁵⁸ Seleciona seus amigos entre aqueles com quem convive, os que vão à mesma escola e igreja, no que os pais precisam estar alertas para as más companhias.

Está se tornando cada vez mais consciente do que é certo e errado. Porém, sua ética está fundamentada em sua idade e experiências. Tende a reconhecer que há uma força interior que a leva à tentação de enganar e a fazer coisas erradas mesmo quando não quer fazê-las. Aceita a culpa com mais facilidade.

A Bíblia pode ocupar um lugar central na vida da criança de sete anos se, na hora do culto doméstico, ouvir pedaços curtos e apropriados dela. Como começa a guardar mais da Palavra de Deus no “coração”, pode ser ensinada a uma conduta ética com instruções específicas, frequentes e positivas quanto às ações corretas, que passarão a ter significado na medida em que são relacionadas à sua própria experiência. Nesta faixa etária, a criança está suficientemente capacitada a entender que o Senhor Jesus Cristo pode ser seu Salvador e Ajudador. O plano salvífico, com linguagem simples, tirada da Bíblia, que tem poder divino de avivar a consciência, criando uma consciência verdadeiramente reta, deve ser “inculcado à criança, falando assentado em casa, e andando pelo caminho, e ao se deitar, e ao se levantar” (Dt 6.7, grifo nosso). É reconfortante para a criança saber que Deus a ama e que Seu amor se estende a todas as pessoas, em todo o tempo. A ideia certa ou errada que a criança faz acerca do caráter de Deus é básica para seu ajuste espiritual.

¹⁵⁷ CRUZ, 2006, p. 105-106.

¹⁵⁸ CASALE, 1986, p. 138-139.

Mais ou menos nessa faixa etária a criança se tornará consciente de diversas coisas importantes, como, por exemplo, as diferenças sexuais e a conseqüente exigência do infante acerca de sua privacidade. Começa a enfrentar situações novas no dia a dia. Frente a essas necessidades, os pais devem se preparar adequadamente para dar respostas simples e honestas, satisfazendo a criança, e esperar que ela mesma faça a próxima pergunta. Estabelecer limites amistosos e firmes, dando instruções específicas à criança, ajudará no aprendizado de uma conduta ética. A sugestão de uma atividade imediata substitutiva ajudará a evitar a inconveniência de se dar demasiada ênfase sobre determinadas ocorrências desagradáveis.

4.6.9 Fase dos 8 aos 9 anos

Nesta fase a criança é mais consciente de si própria e, “por vezes, pode ficar tão absorta em seus pensamentos, que parece estar ‘no mundo da lua’ e nem ouve as ordens que lhe são dadas”.¹⁵⁹ Gosta de assistir filmes; televisão e bons livros também podem fazer parte de sua vida, e os pais podem ajudá-la nessas escolhas. Começa a fase da turminha, formada por diferentes interesses entre os meninos e as meninas e que se disputa num espírito de liderança.

Mais extrovertida, a criança entre oito e nove anos começa a agir menos por impulso e mais pela reflexão. Apesar de ainda precisar de instruções sobre como agir em uma situação nova, compreende muito melhor do que anteriormente as restrições e oportunidades de horas e lugares. Os pais devem empreender esforços em explicar à criança, nesta faixa etária, a razão, a lei por trás do que acontece, para que ela não cresça acreditando na sorte ou choramingando, mas tenha a capacidade de escolher com sabedoria e acerto, em imaginação, sabendo com antecedência as várias conseqüências de suas ações. Estabelece normas bem altas para si mesma e tenta viver de acordo com elas, mesmo no conflito dos padrões morais que encontra no lar, na igreja, na escola e na vizinhança. Sua autoestima dependerá do respeito e consideração aos seus desejos.

Conforme Margaret Bailey Jacobsen, “aos oito anos, a criança experimenta definitivamente uma sensação de culpa e separação de Deus quando faz algo

¹⁵⁹ CRUZ, 2006, p. 105,111.

errado, e uma sensação de restauração quando se arrepende”,¹⁶⁰ promovendo uma experiência de comunhão com Deus. Os pais devem encorajar a confissão e arrependimento necessários e assegurar ao filho a restauração à comunhão. A vida muda quando estruturas e disciplinas de fora são sugeridas para a criança. Se não ampararmos dando uma estrutura sólida aos nossos filhos - modelo - eles dificilmente a criarão dentro de si mesmos. A criança desta idade pode se envolver intensamente em oração de intercessão. Para que o modo de pensar da criança nesta faixa etária seja salvaguardado, é fundamental o ensino dos padrões divinos, que poderão levá-la a procurar a presença de Deus, e aprender a conhecer o Senhor como Amigo, Companheiro e Ajudador.

Portanto, o ensino bíblico no lar será fundamental para o aprendizado dos mandamentos divinos (Mt 5). E a criança absorverá mais facilmente esses fundamentos através de diversas histórias da Bíblia que deem forma concreta aos princípios da Lei de Deus.

4.6.10 Fase dos 9 aos 10 anos

Nesta faixa etária a criança passa da dependência à independência em muitas áreas da vida, e deseja tomar as suas decisões sozinha. Nas decisões autônomas na área espiritual, os pais precisam ajudá-la a escolher e se submeter à autoridade de Deus.¹⁶¹ Nesta idade, ela compreende as razões para a maior parte das regras acerca da verdade e honestidade, direitos de propriedade e direitos pessoais de outros indivíduos, tem consciência de que é errado mentir e furto, não apenas em exemplos concretos, mas também em abstratos. Seus códigos de conduta e justiça estão sendo fixados. Compreende as explicações às suas perguntas e tanto deseja quanto precisa de respostas diretas e honestas. Suas ações deixam de ser tão imaginativas; age mais realisticamente conforme as suas próprias aptidões, o que pode ser diferente entre as crianças. Este é um momento propício para os pais incentivarem seus filhos a planejarem projetos espirituais. Motivada, a criança consegue planejar um projeto próprio e trabalhar nele por dias e até mesmo semanas, podendo, no entanto, perder o interesse e abandonar o projeto.

¹⁶⁰ JACOBSEN, 1985, p. 110.

¹⁶¹ TRENT; OSBORNE; BRUNER, 2007, p. 149.

A criança está crescendo física, intelectual, moral e espiritualmente, e sua responsabilidade e autoconfiança estão se consolidando. Isso não acontece magicamente, mas num processo lento e gradual, que não é somente de acertos, mas também de erros. Ela precisa da compreensão dos pais para aprender nos erros, sabendo que sempre lhes será garantida uma nova oportunidade. Os pais devem estar atentos para que a criança não venha a aceitar uma responsabilidade que não possa cumprir, frustrando-se em suas expectativas. Conforme Trent, Osborne e Bruner, os seus talentos de uma criança devem ser desenvolvidos:

Os talentos podem surgir com facilidade, mas dá trabalho desenvolvê-lo com aula de música, treino de futebol, aulas de artes e assim por diante. Você ajuda seus filhos a alcançar o potencial que Deus tinha em mente para eles ao identificar e cultivar os talentos deles. Encoraje seus filhos, de acordo com a disponibilidade financeira e de horário, a ter várias atividades e lições que os ajudem a descobrir seus talentos. Deixe-os explorar as possibilidades. Quando seus filhos demonstram aptidão por alguma coisa ou gostam de uma atividade específica, afirme-os nisso e tente possibilitar o crescimento deles nessa área.¹⁶²

A criança de nove anos já pode lidar melhor com os conceitos abstratos. Então, compreende a proximidade de Deus e pode adorá-Lo. Por esta razão os pais devem se interessar pela definição que seu filho tem sobre Deus e conduzi-lo à compreensão das Escrituras a fim de que tenha uma ideia certa a respeito dEle. Conforme Margaret Bailey Jacobsen, “as crianças podem pensar em Deus como sendo um rei, um gigante, um pai, um tirano, um anjo, um detetive, um enorme olho, um policial, um criador, um ajudador, uma espécie de nuvem oblonga nebulosa, um juiz, um fabricante, um espírito ou como Jesus”.¹⁶³ Possivelmente, muito da imagem que ela tem de Deus foi tirada da imagem que ela tem dos próprios pais.

Nesta faixa etária aumenta o espírito de turma e pode ser usado para encorajar na criança o espírito missionário, incentivando-a a convidar outros para um estudo bíblico e para a Escola Dominical.

Todo crescimento espiritual passa pelo processo do aprendizado. Não foge à regra a oração, que nos leva à plenitude de alegria, pois é o centro da comunhão com Jesus, que capacita a amar. O tempo que a criança der ao essencial - a comunhão com Cristo através da oração, leitura da Bíblia, contemplação - vai dar o sentido da sua vida. A presença do Senhor na vida da criança tem um poder

¹⁶² TRENT; OSBORNE; BRUNER, 2007, p. 132.

¹⁶³ JACOBSEN, 1985, p. 121.

transformador que não pode e não deixará sua vida inalterada. É importante aos pais se dar conta do valor da oração em seu lar. Sem oração, as pessoas se tornam estultas para as coisas espirituais.

Richard J. Foster diz:

Hoje o coração de Deus é uma chaga aberta de amor. Ele sofre com o nosso distanciamento e preocupação. Lamenta que não nos aproximamos dele. Entristece-se por nos termos esquecido dele. Pranteia a nossa obsessão por quantidade e multiplicidade. Anela por nossa presença.¹⁶⁴

No contexto judaico-cristão, somente o Espírito Santo convence o ser humano do pecado e torna possível a fé para o novo nascimento. Quando Jesus dava as últimas instruções aos seus discípulos, disse que “as pessoas do mundo têm uma idéia errada a respeito do pecado, do que é direito e justo e também do julgamento de Deus” e que somente o Auxiliador - Espírito Santo - ensinará toda a verdade (Jo 16.7-11). Os pais, ao promoverem a fé no relacionamento da criança com o Deus Espírito Santo, possibilitam o conhecimento do que é pecado, justiça e julgamento divino. Essa “fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo” (Rm 10.17).

Quando as necessidades, em suas faixas etárias, não são atendidas, provavelmente essas crianças delongarão a formação de suas personalidades; provavelmente entrarão em crises em outras fases de suas vidas. Por exemplo, adolescentes poderão ainda não ter sua própria personalidade.¹⁶⁵

¹⁶⁴ FOSTER, Richard J. *Oração: o refúgio da alma*. Campinas: Cristã Unida, 2004. p. 13.

¹⁶⁵ GETZ, 2008.

CONCLUSÃO

“Então, do pó da terra, o Senhor formou o ser humano. O Senhor soprou no nariz dele uma respiração de vida, e assim ele se tornou um ser vivo” (Gn 2.7). Os cristãos entendem que Deus formou o ser humano com estas duas características: o corpo formado do pó da terra e o seu espírito, o que o diferencia dos outros seres criados, veio do próprio Deus. A parte do ser humano formada do pó da terra está intrinsecamente ligado a ela. Porém, com o sopro de Deus no nariz, que o tornou ser vivente, está ligado ao célico (Gn 1.26-27).

Conforme o entendimento judaico-cristão sobre a formação do ser humano, podemos deduzir um conhecimento de Deus inato no ser humano, isto é, uma concordância com o conceito inatista, ressaltando, porém, que esse conhecimento não é recordar (*anamnesis*) as ideias que a alma humana, antes do nascimento, teria contemplado, mas se trata do sopro divino na constituição do ser humano. O ser humano tem sua pertença ligada à terra. Porém, pertence, também, ao célico. Desenvolve seu caráter, suas habilidades, seu conhecimento e sabedoria no mundo terrestre, mas é dotado por Deus de Sua imagem e semelhança que o faz, inatamente, aí sim, “olhar para cima”.

Do empirismo, entendemos que o aprendizado judaico-cristão concorda com o pensamento de que o ser humano obterá conhecimento e aprimoramento intelectual através de experiências com o mundo externo. No pensamento empirista, porém, o ser humano se baseia, predominantemente, na experiência - sensação e percepção - como única (ou principal) fonte de conhecimentos. Na sensação, vemos, tocamos, sentimos, ouvimos, definindo todas as coisas e sentindo os seus efeitos internos sobre nós. O conhecimento empírico pode ser entendido como subjetivo, pois é definido por minha própria percepção. Esse argumento se contrapõe ao conceito judaico-cristão de que a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem (Hb 11.1).

Concluimos que, no contexto judaico-cristão, o aprendizado da criança agrega o conceito inatista da presença divina em todo ser humano sem, no entanto, imobilizá-lo e resigná-lo ao considerar que o meio não interfere no desenvolvimento. Do conceito empirista, agrega o aprendizado como acréscimos

experimentais no dia a dia, sem, contudo, eliminar o conceito de fé como possibilidade do legado divino ao ser humano.

Deus tece o ser humano no seio de sua mãe (Sl 139.13), permitindo o desenvolvimento das potencialidades, dos dons e aptidões com o amadurecimento biológico. O caráter santo de Deus não muda de pessoa para pessoa, sendo válido para qualquer cultura. Como Deus concede ao ser humano o encaminhamento de sua própria vida, é importante que seja ensinado no agrado a Ele. A criança quando deixada a si, possivelmente, pela falta de conhecimento, formará conceitos desajustados, que poderiam levá-la a se desviar da vereda certa (Pv 29.15).

Os pais têm a responsabilidade de auxiliar seus filhos a construir sua sabedoria, compreensão e conhecimento, a fim de que os filhos sejam felizes, protegidos e prósperos na vida. As crianças são muito sensíveis ao meio em que vivem. Ló possivelmente não foi afetado pela cultura sodomita, mas não considerou que seus filhos poderiam se contaminar (Gn 19.36).

Para se tornar uma pessoa sadia e madura, a representação da figura paterna e materna é fundamental. Para não transferirmos a responsabilidade de mãe e pai no desenvolvimento e construção moral, social, emocional e psicológica da criança, nosso compromisso maior deve ser em estar presente nessas formações. Alguns pais querem adquirir bens materiais para dar aos filhos. Isso, no entanto, pode gerar ausência em casa. Davi, homem segundo o coração de Deus, dá-nos o exemplo de que pais podem ser homens e mulheres espirituais, talvez bem intencionados, com profunda comunhão com Deus, mas terem seus filhos morrendo espiritualmente (2Sm 19.4). É fácil descuidar de quem está perto, sempre junto.

Os pais devem deixar como legado aos filhos o exemplo de amor entre eles, a comunhão com Deus, com os seres humanos e com a natureza. De forma simples e prática, devemos sistematicamente adorar a Deus no lar. O povo da Antiga Aliança educava espiritualmente seus filhos mostrando o que Yahweh já realizara, formando a espiritualidade deles em realidades já experimentadas.

Segundo as Escrituras, Deus é conhecido somente através da sua autorrevelação. À parte da sua iniciativa de se autorrevelar, Deus não poderia ser

conhecido pelo ser humano. De acordo com Sponheim, “é Deus que age no sentido de revelar. Nós conhecemos Deus por causa de Deus”.¹⁶⁶

A limitação e a vulnerabilidade do ser humano para conhecer a Deus em sua natureza incomensurável não partem de Deus, mas da finitude da natureza humana. O ser humano é tão pequeno diante da grandeza de Deus, que não é capaz de raciocinar sobre o Criador se não houvesse a iniciativa de Deus em imprimir nele um código de fé. Deus se revelou ao ser humano, acerca de si mesmo objetiva, válida e racionalmente por meio da natureza, da história e da personalidade humana. Ela é acessível a todas as pessoas que queiram observá-la.

O cristianismo reconhece a revelação divina coroada pela encarnação do Verbo Vivo – Cristo (Jo 1.1), e pelo registro da Palavra nas Escrituras (1Co 14.37), sendo essas revelações o desvendamento que Deus faz de Si mesmo de modo imediato e sobrenatural. O Logos encarnado revelou o Pai. A Palavra escrita registrou essa revelação e o seu progresso.

Recomenda-se aos pais agilidade, vigilância e cuidado na formação espiritual de seus filhos. É fácil juntar a família para jogos, bebidas, brincadeiras, mas difícil é juntar para edificação espiritual. Os pais podem deixar dinheiro, casa, educação secular, mas se não deixarem uma fé verdadeira em Cristo, fracassaram como pais. Os pais precisam influenciar seus filhos, inspirando-os; servindo aos filhos exemplarmente. O exemplo maior nos foi dado pelo próprio Cristo, quando lavou os pés dos discípulos e disse: “eu dei o exemplo para que vocês façam o que eu fiz” (Jo 13.13-17).

A família é boa, pois foi criada por Deus. Cristo, como Verbo Encarnado, reafirma dizendo que “ninguém separe o que Deus uniu” (Mc 10.9). O casamento, no entanto, é a união entre seres humanos, por isso uma estrutura frágil. Mesmo que os pais não o queiram, muitas vezes a convivência fica insuportável por relações em conflito - cargas mal distribuídas, união do casal distante, deixaram acabar o amor ou um deles está magoado, etc. Com frequência, casamentos terminam em separação e divórcio. Inicia-se uma experiência muito dolorosa para os pais e todos os filhos, qualquer que seja sua idade.

¹⁶⁶ SPONHEIM, Paul R. O conhecimento de Deus. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.) *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 209-213.

Felizmente o ser humano foi concebido com capacidade de suportar e carregar fardos físicos e emocionais, o que vão desenvolvendo e fortalecendo ao longo da vida. Esta capacidade resiliente de vencer as dificuldades, os obstáculos, por mais fortes e traumáticos que elas sejam, pode recompor, tanto os pais quanto os filhos. Essa recomposição será bem mais difícil de ser atingida sem ajuda externa. As famílias formadas por pais separados precisam procurar apoio - comunitário, eclesial, psicológico, etc. para fundar uma estrutura sobre a qual os filhos edificarão sua estabilidade emocional, social e moral. Abrir-se ao diálogo, ao perdão, estabelecendo uma relação cordial com o ex-cônjuge e sua nova companhia, é um processo que denota esforço e requer uma grande dose de generosidade por parte de todos. Das rivalidades e ressentimentos geradores de guerras entre os pais e seus novos cônjuges, os mais prejudicados são os filhos. Aos pais, oferecem-se estas opções: fecharem-se num mundo de mágoas e ressentimentos provocados pela separação, envolvendo seus filhos, ou se abrirem para uma nova vida de perdão, objetivando recuperar a harmonia no lar, tão necessária para o bem-estar na nova fase da família.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. *Inteligências múltiplas*. São Paulo: Salesiana, 2001.
- AVANCI, Joviana. Resiliência é encontrar forças para transformar dificuldades em perspectivas de ação. *IHU Online*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=773&id_edicao=269>. Acesso em: 26 ago 2008.
- BASSOFF, Evelyn S. *Entre mãe e filho: o que fazer para seu filho se tornar um adulto feliz e realizado*. São Paulo: Saraiva, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BAVINK, Hermann. *Teologia sistemática: fundamentos teológicos da fé cristã*. São Paulo: Imprensa da Fé, 2001.
- BECKER, Fernando. O que é construtivismo? *Site do Governo do Estado de São Paulo*. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/dea_a.php?t=011>. Acesso em: 28 mai. 2009.
- BENTHO, Esdras Costa. *A família no Antigo Testamento: história e sociologia*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.
- BÍBLIA DE ESTUDO PENTECOSTAL. Rio de Janeiro: CPAD, 1995.
- BÍBLIA ONLINE. Módulo Avançado. Versão 3.0. oct. 2007.
- BOMILCAR, Nelson (Org.). *O melhor da espiritualidade brasileira*. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.
- BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1986.
- BRANDENBURG, Laude Erandi. O ensino religioso e a educação infantil. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BROWN, Colin. *Filosofia & fé cristã*. São Paulo: Vida, 2001.
- CABRAL, Elienai. *Comentário bíblico: Efésios*. 3. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1999.

CAPLAN, Mariana M. A. *Atitudes: quando os filhos escolhem estilos alternativos de vida*. São Paulo: Madras, 2000.

CASALE, Franco Del. *Ajuda-me a crescer: desenvolvimento evolutivo dos 0 aos 16 anos: análise transacional e terapia refocalizadora*. São Paulo: Summus, 1986.

CECÍLIO JR., Marlísio Oliveira. *Fichamento do livro de Howard Gardner*. Disponível em: <<http://petecv.ecv.ufsc.br/download/Reuni%F5es%20culturais/Reuni%F5es%20em%20PDF/Marl%EDsio%20-%20Maio.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2010.

CHAFER, Lewis Sperry. *Teologia sistemática*. São Paulo: IBRB, 1986.

CHAMPLIN, R. N.; BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*. v. 5,6. São Paulo: Candeia, 1995.

CHAMPLIN, Russel Norman. *O Antigo Testamento interpretado: versículo por versículo*. v. 1-3-4-5. São Paulo: Candeia. 2000.

_____. *O Novo Testamento interpretado: versículo por versículo*. v. 3. São Paulo: Candeia. 1995.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 12. ed. São Paulo: Ática, 2001.

CRAWFOR-LORITTS, Karen. *Construindo o caráter do seu filho*. São Paulo: Imprensa da fé, 2004.

CRUZ, Elaine. *Amor e disciplina para criar filhos felizes*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

DREHER, Martin N. *Conversando sobre espiritualidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

ENGBRECHT, Simone. *Aprendendo a lidar com a depressão*. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

ESCOLA PREPARATÓRIA DE OBREIROS SILOÉ (EPOS). *Evangelismo*. Joinville: Faculdade Teológica Refidim, 2007. Mod. I.

FEITOSA, Eucir. *Paternidade responsável: meditações para os pais*. São Paulo: MHW, 2008.

FELDMAN, Clara; MIRANDA, Márcio Lúcio de. *Construindo a relação de ajuda*. Belo Horizonte: Crescer, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *O Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*: edição eletrônica. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

FERREIRA, Marilene do Amaral Silva. *Evangelização e discipulado com crianças*. Disponível em: <http://www.monergismo.com/textos/evangelismo/evangelismo_crianças.htm>. Acesso em: 20 fev. 2010.

FOSTER, Richard J. *Oração: o refúgio da alma*. Campinas: Cristã Unida, 2004.

FRIESER, James. *David Hume (1711-1776): escritos sobre religião*. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~conte/txt-fieser2.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2009.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2004.

GETZ, Gene A. *Relacionamentos familiares na família de Deus*. São Paulo: Sepal, 2008.

GOLDSMITH, Joel S. *A arte da cura espiritual*. Petrópolis: Vozes, 1995.

GOMES, Jerusa Vieira. Socialização primária: tarefa familiar? *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 54-61, nov. 1994. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/cp/arquivos/747.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

GUEVARA, Edwin Mora. Espiritualidade a partir da graça em um programa de tratamento de dependência de drogas. In: SANTOS, N. *Dimensões do cuidado e aconselhamento pastoral*. São Paulo: ASTE; São Leopoldo: CETELA, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/ibgeteen/pesquisas/familia.html#anc3>>. Acesso em: 28 abr. 2010.

JACOBSEN, Margaret Bailey. *A criança no lar cristão*. São Paulo: Mundo Cristão, 1985.

KLEIN, Remí. A pergunta sob um novo olhar no ensino religioso. In: WACHS, Manfredo Carlos; FUCHS, Henri Luiz; BRANDENBURG, Laude Erandi; KLEIN, Remí (Orgs.). *Práxis do ensino religioso na escola*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

LANGSTON, A. B. *Esboço de teologia sistemática*. 9. ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1988.

LARA, Ronaldo Bauer de. O mundo teológico da criança. In: *X Encontro de Educadores Cristãos*. Criciúma: [s.n.], 2010.

LELOUP, Jean-Yves; BOFF, Leonardo. *Terapeutas do deserto: de Filon de Alexandria e Francisco de Assis a Graf Dürckheim*. Petrópolis: Vozes, 1998.

LOPES, Augustus Nicodemus. O impacto do racionalismo na igreja cristã. *Portal da Igreja Presbiteriana do Brasil*. Disponível em: <http://www.ipb.org.br/estudos_biblicos/index.php3?id=22>. Acesso em: 26 ago. 2008.

MACLISTER, Roberto. *Perdão: o segredo da cura total*. Rio de Janeiro: Carismo, 1981.

MARTINI, Marcus de. John Donne: considerações sobre vida e obra. *Fragmentos*, Florianópolis, n. 33, p. 121-137, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/viewFile/8597/8000>>. Acesso em: 01 mai. 2010.

MARULANDA, Ângela. *O desafio de crescer com os filhos: valores e atitudes que ajudam na formação das novas gerações*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

MESQUITA, Antônio Neves de. *Estudo no livro de Gênesis*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

METTE, Norbert. *Pedagogia da religião*. Petrópolis: Vozes. 1997.

NOVELLO, Fernanda Parolaria. *Psicologia infantil*. São Paulo: Paulinas, 1987.

OGREGON, Rosane de Fátima Antunes. *Validação de um instrumento de identificação do perfil de usuário através de ícones representativos das inteligências múltiplas*. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEGC0078-D.pdf>>. Acesso em: 21 abr. 2010.

PACKER, J. I. Revelação e Inspiração. In: DOUGLAS, J. D.; SHEDD, Russell P. (Eds.). *O novo dicionário da Bíblia*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

PETRY, Analídia Rodolpho. *Esquizofrenia e representação social: estudo de casos em Santa Cruz do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.

PFEIFFER, Charles F.; HARRISON, Everett F. *Comentário bíblico Moody: Gênesis à Deuteronômio*. v. 1. São Paulo: Batista Regular, 1997.

PIPER, John. *Teologia da alegria: a plenitude da satisfação em Deus*. São Paulo: Shedd, 2003.

POLETTI, Michele. Resiliência: um processo psicológico dinâmico. *IHU Online*. Disponível em: <http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_tema_capa&Itemid=23&task=detalhe&id=768> Acesso em: 14 ago. 2008.

PORTUGAL, Cadjá Araújo. Discussões sobre empirismo e racionalismo no problema da origem do conhecimento. *Diálogos & Ciência: Revista Eletrônica da Faculdade de Tecnologia e Ciências de Feira de Santana*, Feira de Santana, ano 1, n. 1, dez. 2002. Disponível em: <http://dialogos.ftc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=2&Itemid=4>. Acesso em: 22 ago. 2008.

RAMOS, Aristides. *Curso Pastor Urbano*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 13-18 jul. 2009.

RAVAZZOLA, Maria Cristina. Resiliência familiar. In: MELILLO, Aldo; OJEDA, Elbio Néstor Suarez. *Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RUNES, Dagobert D. *Dicionário de filosofia*. Lisboa: Presença, 1990.

RUSS, Jacqueline. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Scipione, 1994.

SILVA, Flávia Mendes. *Antigos e novos arranjos familiares: um estudo das famílias atendidas pelo serviço social*. Disponível em: <<http://www.franca.unesp.br/ANTIGOS%20E%20NOVOS%20ARRANJOS%20FAMILIARES.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2010.

SPONHEIM, Paul R. O conhecimento de Deus. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON, Robert W. (Eds.). *Dogmática cristã*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

STRECK, Valburga Schmiedt. *Terapia familiar e aconselhamento pastoral: uma experiência com famílias de baixos recursos*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

TEDD-TRIPP, Margy. *Instruindo o coração da criança*. São José dos Campos: Fiel, 2009.

TIBA, Içami. *Quem ama, educa: formando cidadãos éticos*. São Paulo: Integrare, 2007.

TRENT, John; OSBORNE, Rick; BRUNER, Kurt. *Ensine sobre Deus às crianças: um plano por faixa etária para pais de crianças até doze anos*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

URBANO, Zilles. *Teoria do conhecimento*. Porto Alegre: Edipucrs, 1994.

WADSWORTH, Barry J. *Inteligência e afetividade da criança na teoria de Piaget*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.